

# Corais da Paraíba são inseridos em plano de proteção

Área conhecida como Naufrágio Queimado, localizada nas praias urbanas de João Pessoa e em parte de Cabedelo, é a primeira região costeira do Estado inserida nesse tipo de ação. [Página 16](#)

Foto: Fotos Públicas



## Igreja celebra, amanhã, a Padroeira do Brasil

Com missas presenciais e online, paróquias terão programação voltada à Nossa Senhora Aparecida, santa que representa a identidade do povo brasileiro. [Página 3](#)

Foto: Marcus Antonius



**Em busca da sobrevivência** Pandemia agravou a situação dos que vivem de pedir esmola ou vendem produtos nos sinais de trânsito. [Página 5](#)

## Cultura



Ilustração: Gustavo Borges/divulgação

**Papo sério** Com a consultoria de um psiquiatra paraibano, renomado ilustrador gaúcho Gustavo Borges discute o suicídio através de uma série em quadrinhos. [Página 9](#)

**Klebber Maux Dias**

## A violência da razão narcísica

“A violência narcísica não é um defeito de caráter do indivíduo, pode-se entender que essa violência é a transferência duma ideologia produzida pela indústria de consumo que deforma a percepção do indivíduo de si mesmo, e extermina a harmonia da vida coletiva. O adoecimento da razão se dá no individualismo. A violência narcísica se expressa na fúria para com a alteridade do outro”. [Página 10](#)

## Entrevista

Foto: Roberto Guedes



**Refugiados** Professora da UEPB ligada à ONU fala sobre o processo de adaptação dos imigrantes na PB. [Página 4](#)

## Paraíba

### Câncer de mama: 95% dos casos têm cura com diagnóstico precoce

Este ano, devem ser registrados no Estado 1.120 novos casos, segundo dados do Instituto Nacional do Câncer. [Páginas 6 e 7](#)

Foto: Roberto Guedes



**Aniversário na pandemia** Campina celebra 156 anos superando os desafios provocados pela covid. [Página 8](#)

## Diversidade

Foto: Divulgação



**Pesquisa UFPB** Semiárido brasileiro perdeu quase 27% da cobertura vegetal em 18 anos. [Páginas 13 e 14](#)

## Almanaque

Foto: Picaboy



**Marca registrada** Caju é parte da identidade da cultura nordestina e inspira obras artísticas. [Página 17](#)

## Outubro Rosa

Mês de combate ao câncer de mama.



**Editorial**

# Caminho certo

Em um tempo marcado pelo desditoso binômio formado por crise econômica e situação de emergência em saúde, as boas notícias estão relacionadas, por exemplo, no primeiro caso, ao anúncio de medidas destinadas a gerar emprego e renda, dois itens essenciais na cesta básica das pessoas que, de alguma maneira, foram colocadas à margem do mercado de trabalho.

Uma dessas boas novas foi transmitida há poucos dias pelo governador João Azevêdo, na forma de um protocolo de intenções, assinado com o Sebrae, cujo objetivo é justamente “fomentar o desenvolvimento do comércio varejista de confecções, a partir da concessão de benefícios fiscais, para empresas sediadas em 54 municípios na região polarizada por Campina Grande”.

Um presente de primeira grandeza, para a Rainha da Borborema – cuja população comemora hoje o 156º aniversário de fundação da cidade -, haja vista que esta arrojada ação governamental, que também traz o selo de qualidade do Sebrae, está orientada para revigorar a economia local, estimular as indústrias têxteis e promover a geração de emprego e renda na Paraíba.

O presente já foi desembalado, mas, pela sua dimensão social, não custa rememorar que o benefício fiscal “garante a redução da carga tributária das indústrias de confecções para 2% a empresas que não possuem outro tipo de benefício, além de “redução da carga tributária para 3% nas operações de venda das empresas varejistas de confecções de pequeno porte”.

João Azevêdo sintetizou a importância econômica e social da iniciativa, ao esclarecer que a ação - que contemplará toda a região polarizada por Campina Grande - permitirá que se consiga recuperar meio século em apenas cinco anos, tendo em vista que os incentivos irão beneficiar não só as indústrias têxteis, mas também o comércio varejista do setor.

O Brasil amarga, atualmente, um dos piores índices de desemprego de sua história recente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são mais de 13 milhões de pessoas sem emprego, conformando um dos mais sérios problemas sociais do país. Tal realidade ressalta a importância de ações como a que acaba de ser anunciada pelo governador da Paraíba.

**Artigo**

**Sitônio Pinto**  
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

# Mágica Forte

Cara Pálida Trump tem mágica forte. Ele está escondendo leite, adquiriu a gripezinha de Bolsonaro e em menos de três dias apareceu curado, bom para outra. Seu país bem que poderia dar a fórmula dessa mezinha para a humanidade. Podia até faturar politicamente; um gesto desse melhorava sua imagem na praça internacional. A população de todo o planeta seria grata a ele, gregos e baianos haveriam de aplaudir a generosidade do bwanna.

O presidente-candidato seria, assim, alçado à condição de salvador das pátrias. // Já o candidato-presidente do Brasil não teria dificuldade em lançar, no mercado internacional, mesinha para a gripe que assola os continentes. Ele fez um comercial para a TV, vendendo a garrafada milagrosa na cura da Corona. Uma dobradinha dos dois – Trump e Bolso será imbatível na luta pela saúde pública, diante de tantos males que afligem o povo brasileiro e estrangeiro. Se você tiver acesso a um dos dois, pode levar a sugestão aos presidentes.

Acho Trump parecido com o cabo eleitoral do candidato a senador oposto ao representado por James Stewart no filme “O homem que matou o facinora” (este representado por Lee Marvin). “The man

who shot Liberty Valance” ainda deu um Oscar a Lee Marvin de melhor coadjuvante. Toda loja de CD e DVD tem. Ainda é tempo de você ver, ou pelo YouTube, que é zero 800, uma das maravilhas da cibernética. Outra mais: filme é de John Ford, cheio de flashes-backs, do jeito que você gosta. Uma fita feita quando o mestre Ford estava no auge, no apogeu.

Se surgir alguma dificuldade na imigração, por conta da gripe de Balsonaro, diga ao mesmo que comece a tossir no ambiente que os funcionários saem da linha de frente. E com aquele corpão, vá empurrando com a barriga. Não tem zagueiro que lhe segure. Outro papel que Bolso pode fazer é a propagação de um vermífugo; tirava um retrato de antes e depois. Antes, com a barriga de Trump (ele empresta); e outro depois.

Por que falar em lombrigas, a barriga de Trump deve ter muitas. Aquele ventre impado é indicador. Por falar nisso, entendo que as cadeiras da Academia deviam ter suplentes. É verdade que Genival Lacerda vai ser suplente de Bolso? O general será defenestrado? Eu já estava se acostumando com ele, no seu terno de nycron - o tecido que não amarrora nem perde o vinco.

Você viu o discurso de Bolso na TV? Ele disse que foram os índios que botaram fogo na Amazônia. Ah índios danados. Os caboclos também deram sua demão. E o povo da TV, deu também? Na falta de noticiário, tudo voga. Chateou deu uma facada num empresário e foi para o estúdio com a vítima. Isso foi antes da inauguração. Aí disse, no ar, com sua voz debochada: “acabo de mamar nas tetas de Fulano de Tal, pioneiro na televisão do Brasil.”

**Artigo**

**Martinho Moreira Franco**  
martinhomoreirafanco46@gmail.com

# Lago e Babo, fenomenais

Atirei no que vi, acertei no que não vi. Depois de ouvir Sassaricando na abertura da novela em reprise no Canal Viva, sintonizei a internet para conferir se a marchinha carnavalesca é da autoria de Mário Lago. Não é. O autor é Candeias Junior. Verifiquei, porém, que Lago, celebrizado pela parceria com Ataulfo Alves no antológico Amélia, samba que na sua época virou hino à submissão feminina (uma excrescência nos dias atuais), compôs um outro sucesso nacional adorado por foliões de todas as idades desde a década de 1940. Ou algum de vocês nunca cantarolou “Se você fosse sincera,/ Ô ô ô ô, Aurora/ Veja só que bom que era/,/ Ô ô ô ô, Aurora...”? Cantarolou, sim, bem como pais, filhos, avós e netos que, ano após, ano, participam das matinês de Domingo de Carnaval no Esporte Clube Cabo Branco, do Miramar. Já recontei isso em muitos carnavais da coluna.

Só que o mesmo compositor dessa irresistível marchinha compôs uma maravilhosa valsa (é... uma valsa!) que machucou de dor muitos cotovelos quando interpretada por Orlando Silva: Nada Além. Diz assim: “Nada além,/ Nada além de uma ilusão,/ Chega bem e é demais para o meu coração./ Acreditando em tudo que o amor/ Mentindo sempre diz,/ Eu vou vivendo assim feliz,/ Na ilusão de ser feliz./ Se o amor/ Só nos causa sofrimento e dor,/ É melhor,/ Bem melhor a ilusão do amor./ Eu não quero e nem peço/ Para o meu coração/ Nada além de uma linda ilusão.” Não é um fenômeno? E Mário Lago, em parceria com Benedito Lacerda, também assina a dilacerante Número Um: “Passaste hoje ao

meu lado,/ Vaidosa, de braço dado,/ Com outro que te encontrou./ E eu relembrei, comovido/O velho amor esquecido/ Que o meu destino arruinou./ Chegaste na minha vida, cansada, desiludida, // Triste, mendiga de amor./ E eu, pobre, com sacrifício/ Fiz um céu do teu suplício,/ Puseris na tua dor./ Mostrei-te um novo caminho, Onde, com muito carinho, Levei-te numa ilusão./ Tudo, porém, foi inútil./ Eras, no fundo, uma fútil./ E foste de mão em mão./ Satisfaz tua vaidade,/ Muda de dono à vontade,/ Isso em mulher é comum./ Não guardo frios rancores./ Pois, entre os teus mil amores,/ Eu sou o número um.”

**// Até torcedor do Flamengo acha bonito o hino do Vasco da Gama (e vice-versa), imaginem! //**

Outro fenômeno de versatilidade foi Lamartine Babo, autor das melhores marchinhas carnavalescas de todos os tempos (não inúmeras, não quero correr o risco de omissões). Etambém dos hinos de todos os clubes de futebol do Rio de Janeiro, igualmente em ritmo de folia. Essa produção é tão boa e de linha melódica tão irresistível que até torcedor do Flamengo acha bonito o hino do Vasco da Gama (e vice-versa), imaginem! Pois bem, esse mesmo Lamartine Babo, apontado como o Rei do Carnaval Carioca, é o autor do pungente Serra da Boa Esperança, gravado por Francisco Alves, o Rei da Voz, que morreria em acidente de carro por muitos considerado uma premonição sugerida na letra da dramática canção. Dela, reproduzo apenas a estrofe que é, para mim, uma das mais belas e tocantes do cancionário popular brasileiro: “Nós, os poetas, erramos/ Porque rimamos também/ Os nossos olhos nos olhos de alguém que não vem”. Dizer mais o quê?!

**Artigo**

**Sitônio Pinto**  
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

# Mágica Forte

Cara Pálida Trump tem mágica forte. Ele está escondendo leite, adquiriu a gripezinha de Bolsonaro e em menos de três dias apareceu curado, bom para outra. Seu país bem que poderia dar a fórmula dessa mezinha para a humanidade. Podia até faturar politicamente; um gesto desse melhorava sua imagem na praça internacional. A população de todo o planeta seria grata a ele, gregos e baianos haveriam de aplaudir a generosidade do bwanna.

O presidente-candidato seria, assim, alçado à condição de salvador das pátrias. // Já o candidato-presidente do Brasil não teria dificuldade em lançar, no mercado internacional, mesinha para a gripe que assola os continentes. Ele fez um comercial para a TV, vendendo a garrafada milagrosa na cura da Corona. Uma dobradinha dos dois – Trump e Bolso será imbatível na luta pela saúde pública, diante de tantos males que afligem o povo brasileiro e estrangeiro. Se você tiver acesso a um dos dois, pode levar a sugestão aos presidentes.

Acho Trump parecido com o cabo eleitoral do candidato a senador oposto ao representado por James Stewart no filme “O homem que matou o facinora” (este representado por Lee Marvin). “The man

who shot Liberty Valance” ainda deu um Oscar a Lee Marvin de melhor coadjuvante. Toda loja de CD e DVD tem. Ainda é tempo de você ver, ou pelo YouTube, que é zero 800, uma das maravilhas da cibernética. Outra mais: filme é de John Ford, cheio de flashes-backs, do jeito que você gosta. Uma fita feita quando o mestre Ford estava no auge, no apogeu.

Se surgir alguma dificuldade na imigração, por conta da gripe de Balsonaro, diga ao mesmo que comece a tossir no ambiente que os funcionários saem da linha de frente. E com aquele corpão, vá empurrando com a barriga. Não tem zagueiro que lhe segure. Outro papel que Bolso pode fazer é a propagação de um vermífugo; tirava um retrato de antes e depois. Antes, com a barriga de Trump (ele empresta); e outro depois.

Por que falar em lombrigas, a barriga de Trump deve ter muitas. Aquele ventre impado é indicador. Por falar nisso, entendo que as cadeiras da Academia deviam ter suplentes. É verdade que Genival Lacerda vai ser suplente de Bolso? O general será defenestrado? Eu já estava se acostumando com ele, no seu terno de nycron - o tecido que não amarrora nem perde o vinco.

Você viu o discurso de Bolso na TV? Ele disse que foram os índios que botaram fogo na Amazônia. Ah índios danados. Os caboclos também deram sua demão. E o povo da TV, deu também? Na falta de noticiário, tudo voga. Chateou deu uma facada num empresário e foi para o estúdio com a vítima. Isso foi antes da inauguração. Aí disse, no ar, com sua voz debochada: “acabo de mamar nas tetas de Fulano de Tal, pioneiro na televisão do Brasil.”

**Domingos Sávio**  
savio\_fel@hotmail.com

**Humor**



**SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL**

**EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.**

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Albigele Léa Fernandes**  
DIRETORA DE RÁDIO E TV



**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**André Cananéa**  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

**PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509**

**E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)**

**ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00**

**CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br**

**OUVIDORIA:**  
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Facebook/Paróquia de Aparecida

# Fé, devoção e história no dia da Padroeira do Brasil

Arcebispo Dom Delson celebra missa amanhã, às 9h, na Catedral Basílica; várias paróquias na capital terão celebrações

**Sara Gomes**

saragomesilva@gmail.com

“Eu entreguei a minha vida e a vida do meu filho à Nossa Senhora Aparecida. Tive câncer de mama aos 32 anos e deveria tomar a medicação de controle por cinco anos, mas no terceiro ano de tratamento engravidei acidentalmente. Suspendi a medicação para não prejudicar o meu bebê e comecei a tomar um hormônio que funcionaria como um veneno para mim, mas faria bem ao meu filho. Orei muito durante toda a gestação pedindo proteção à santa, o meu remédio passou a ser a eucaristia todo domingo. Meu bebê nasceu saudável e meu câncer não voltou, graças a Deus e a nossa mãezinha Aparecida”, testemunha Estefânia Gomes, hoje com 40 anos. Ela é um dos milhões de católicos que comemoram o dia de Nossa Senhora Apa-

recida amanhã, 12 de outubro, dia consagrado a Padroeira do Brasil. A santa representa a identidade do povo brasileiro, pois acolhe as alegrias e sofrimentos dos fiéis. Em homenagem à santa, o arcebispo metropolitano da Paraíba, Dom Manoel Delson, celebra a missa hoje, às 9h, na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves. Já as igrejas católicas que batizaram seu templo com o nome da padroeira realizarão celebrações com 30% da capacidade permitida.

Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Treze de Maio, ocorrerá a carreata e bênção dos veículos, às 6h. Às 8h30 acontecerá a missa solene de Nossa Senhora Aparecida e às 17h será a missa de encerramento e bênção no Sntíssimo. Já na Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no Valentina Figueiredo, o ofício da Imaculada

acontecerá às 6h, em seguida, o padre da paróquia Marcelo Monte celebrará a primeira missa do dia. O padre convidado Fábio Galdino celebrará a missa solene às 9h. Já às 11h acontecerá a Feijoada Mãe Aparecida. A carreata da Mãe Aparecida ocorrerá às 17h e o encerramento do dia de Nossa Senhora Aparecida será feito pelo padre Luiz Júnior através da celebração da missa. O tema da Festa de Aparecida 2020 é “Saúde em Enfermos”, uma forma de interceder pelas pessoas infectadas por covid-19 e também aos que já morreram. As missas serão transmitidas pelo canal do You Tube da paróquia.

Já a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Cristo Redentor, a solenidade será mais simples. No dia 12 de outubro, às 18h, ocorrerá a solenidade oficial. Todos os dias haverá transmissão ao vivo pelo canal do You Tube.

## + Santa representa o povo brasileiro

No dia 12 de outubro de 1717, três pescadores encontraram uma imagem simples e rudimentar no Rio Paraíba Sul, em São Paulo. “Segundo relatos, encontraram primeiro o corpo e depois a cabeça. Esta imagem simples de uma mulher negra tornou-se a Padroeira do Brasil por justamente acolher e representar tão bem o povo brasileiro. Sabemos que a imagem pertencia a uma pessoa muito simples, porque não era artisticamente bem elaborada”, lembrou, padre Luiz Júnior da Paróquia São Pedro Pescador, em Manáira.

O padre Luiz Júnior sugere aos fiéis que aproveitem o feriado para ter um momento de intimidade com Nossa Senhora Aparecida, confiando a santa suas angústias e esperanças, principalmente, em ano tão difícil para o povo brasileiro devido à pandemia da covid-19. “Maria está sempre atenta às necessidades do seu

povo. Em razão da pandemia, a gente se sente até mais necessitado da intercessão da Virgem Maria para que não nos falte saúde e a cura da covid-19. Temos fé que próximo ano seja liberada a vacina, então, este é pedido do povo brasileiro em 2020”, afirmou.

A paroquiana Mércia Maria de Sá é uma das fundadoras da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Valentina, ela conta que a comunidade cresceu graças ao engajamento dos membros da igreja. “Antes a gente se reunia na casa da família Vieira e aos poucos foi nascendo o sentimento de transformá-la em comunidade. Temos cerca de 30 anos de existência, mas apenas oito anos como paróquia. Quando a gente olha para trás e vê a igreja hoje sentimos um orgulho imenso, graças a Deus temos muitas pessoas comprometidas”, enfatizou.

## UN Informe

Ricco Farias  
pariroeletronico@hotmail.com

### EX-PREFEITOS DE JOÃO PESSOA E CAMPINA GRANDE NÃO CONSEGUIRAM FAZER SUCESSORES EM DUAS DÉCADAS

Há um tabu, digamos assim, que há duas décadas se mantém nos dois maiores colégios eleitorais da Paraíba, João Pessoa e Campina Grande: os prefeitos que cumpriram dois mandatos consecutivos nas duas cidades, no período citado, não conseguiram eleger os sucessores por eles indicados. Estão nessa lista os ex-prefeitos da capital, Cícero Lucena (PP) e Ricardo Coutinho (PSB), e os ex-prefeitos de Campina Grande, Cássio Cunha Lima (PSDB) e Veneziano Vital do Rêgo (foto), do PSB. Agora, nas eleições de 15 de novembro, os prefeitos Luciano Cartaxo (PV) e Romero Rodrigues (PSD), que também exerceram dois mandatos consecutivos, tem esse desafio adicional: não só eleger seus escolhidos – Edilma Freire e Bruno Cunha Lima, respectivamente –, por uma questão de manutenção de espaços de poder, mas também quebrar esse tabu que permanece intransponível há décadas. E a julgar pela acirrada concorrência que se apresenta em ambas as cidades, essa não será uma tarefa nada fácil – apesar de ambos os prefeitos terem gestões bem avaliadas pela população. Há que se dizer que os ex-prefeitos já citados aqui, também gozavam de boa avaliação popular, mas, ainda assim, não viram seus indicados logarem êxito nas urnas.

Foto: Divulgação



#### POR 'PICUINHA POLÍTICA'

O governador João Azevêdo (Cidadania) assegurou que o Governo do Estado vai implantar o Veículo Leve sobre Trilhos em Campina Grande, obra que já estava nos projetos da gestão: “Pedimos ao ministério (dos Transportes) a liberação da antiga linha de trem, mas, infelizmente, houve uma articulação da atual gestão de Campina Grande para não autorizar”.

#### CANDIDATOS A REITOR (1)

Na próxima terça-feira, a UEPB inicia o ciclo de debates com os candidatos a reitor da universidade – amanhã, a comunidade universitária poderá enviar perguntas a serem feitas aos representantes das quatro chapas homologadas para a eleição, por meio do e-mail comissao.eleitoral@setor.uepb.edu.br. A eleição ocorrerá no dia 21 de outubro.

#### CANDIDATOS A REITOR (2)

Um segundo debate está marcado para o próximo dia 19, desta vez com a participação também dos candidatos a vice-reitor da UEPB. Por conta das regras sanitárias impostas pela pandemia de covid-19, os debates serão realizados de modo virtual – a partir das 19h, haverá transmissão ao vivo pelo Canal Rede UEPB, no Youtube.

#### “É SÚDITO DAS LEIS”

Prestes a aposentar a toga – deixará o STF terça-feira –, o ministro Celso de Mello quadrou, digamos assim, Bolsonaro, que queria depor por escrito no inquérito em que é investigado por suposta interferência na Polícia Federal. E negou o pedido, afirmando que como todo cidadão do país, “O presidente da República é súdito das leis”.

#### ASSEDIANDO BOLSONARO?

O MDB, que já foi um aliado forte da esquerda brasileira – vide os governos de Lula – parece caminhar cada vez mais à direita. Ao ponto, de acordo com o colunista político Gerson Camarotti, da GloboNews, de ter convidado o presidente Bolsonaro a se filiar ao partido. Desde que deixou o PSL, em novembro de 2019, Bolsonaro está sem partido.

#### TATIANA SOBRE BRUNO: “SUAS PRÁTICAS POLÍTICAS SÃO VELHAS”

Nas redes sociais, Tatiana Medeiros (MDB), candidata a vice-prefeita na chapa de Inácio Falcão (PCdoB), em Campina Grande, pôs ‘lenha na fogueira’, como se diz popularmente, ao afirmar que Bruno Cunha Lima (PSD) teria lhe oferecido vantagens não republicanas para que ela lhe apoiasse: “Não se coloque como renovação, porque suas práticas políticas são velhas”.

## Andrea Pacheco Pacífico

Pós-Doutora em Direito Internacional dos Refugiados

# “Na Paraíba, há boa vontade em ajudar os refugiados”

Em entrevista ao Jornal A União, especialista ligada à ONU fala sobre situação dos cerca de mil refugiados que vivem no Estado

**Alexsandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Venezuelanos, sírios, colombianos, africanos. São alguns dos estrangeiros que chegaram à Paraíba e buscam oportunidades. Assim como qualquer conterrâneo do Estado, eles lutam por emprego, renda, moradia, saúde, educação, ou seja, um porto seguro para seguir a vida com dignidade. Saem do país de origem porque são perseguidos, têm direitos básicos violados ou fogem de guerras. Nos últimos anos, é comum observarmos em João Pessoa, Conde e Campina Grande a maior presença, especificamente, dos venezuelanos. Povos que tiveram

de deixar a terra natal por causa dos graves conflitos na Venezuela. Alguns estão na condição de refugiado, outros vivem como migrantes forçados.

Para falar sobre a situação dos venezuelanos, o Jornal A União ouviu a professora de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Andrea Pacheco Pacífico. Com pós-doutorado em Direito Internacional dos Refugiados pela Universidade de York, no Canadá, ela coordena o Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Deslocados Ambientais (Nepda) e é co-coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Confira a entrevista.

### A entrevista

#### O que trouxe os venezuelanos à Paraíba?

■ Eles começaram a chegar em 2018 por conta da crise política, econômica e social na Venezuela. Iniciaram migrando por Roraima, chegando a Boa Vista e Pacaraima, enchendo muito esses locais. Com isso, começou uma verdadeira comoção social em Roraima. Então, o Governo Federal criou o Programa Nacional de Interiorização, que permitiu a interiorização desses venezuelanos de Roraima para outros Estados, e a Paraíba foi incluída nesta rota. Outro motivo da vinda deles foi para reencontrar familiares que já estavam instalados na Paraíba, através do Programa de Reunificação Familiar. Há um terceiro grupo que são os venezuelanos indígenas, que são nômades. Mesmo antes do conflito no país de origem, viviam por meio de coleta (mendicância).

#### Quantos venezuelanos existem hoje na Paraíba?

■ Hoje temos mais de mil venezuelanos na Paraíba. Aproximadamente a metade deles chegou ao Estado pelo Programa Nacional de Interiorização. Chegaram, inicialmente na Casa do Migrante, no Conde, e depois na ONG Aldeias Infantis SOS, em João Pessoa. Já vieram com CPF, Carteira de Trabalho, cartão de vacinação, tudo regulamentado. Então, ficou mais fácil o processo de integração. Hoje, quando chegam ao Estado, ficam instalados na Casa do Migrante por três meses, depois precisam encontrar emprego e sair.

#### Que direitos eles têm e como fica o acesso a benefícios sociais?

■ Eles têm aula de português por meio de programas da Universidade Estadual da Paraíba e da Universidade Federal da Paraíba, recebem o Cartão do SUS

para ter acesso aos serviços de saúde, têm direito ao Bolsa Família, ao Auxílio Emergencial. E isso facilita o acesso ao trabalho e ao emprego. Todos eles foram recebidos no serviço público de ensino da Paraíba. Essa é uma das características do Estado, porque não deixou ninguém sem escola.

#### Qual o ranking do Brasil com relação a acolhida de venezuelanos?

■ O Brasil é o sétimo país do mundo que mais tem venezuelanos, com 150 mil indivíduos desse país. Nessa crise que começou entre 2014 e 2015 já existem cerca de 4 milhões de venezuelanos que estão fora de seu país. É uma crise que já está equiparada à da Síria.

#### Qual o perfil deles?

■ Chegam à Paraíba venezuelanos que têm desde o ensino fundamental, até nível superior. Têm profissões como psicólogos, engenheiros, jornalistas, professores universitários, advogados e muitas outras. Geralmente, a maioria são famílias. Mas também têm solteiros.

#### Quais as atividades mais comuns no Estado em que eles conseguem uma colocação?

■ Eles têm a dificuldade do idioma, mas nós da universidade damos aulas de Português. Alguns encontram trabalho em hotéis, restaurantes, pizzarias, fazem artesanato, na pandemia estão fazendo máscaras para vender, enfim, são várias atividades.

#### Qual o impacto da vinda deles na Paraíba?

■ Primeiro a sociedade paraibana estranhou a chegada de estrangeiros. Então há registro de discriminação e xenofobia. Há quem pense que eles vieram para roubar vagas de emprego, principalmente



Andrea Pacheco Pacífico explica o processo de vinda e adaptação dos refugiados venezuelanos e de outras nações que estão na Paraíba

no bairro de Mangabeira, onde há muitos venezuelanos. Tem ainda dificuldade de o sistema de saúde e emprego do Estado comportar essa população. Tudo isso é uma demanda que necessita da criação de uma nova estrutura. Em cidades maiores como São Paulo há um setor específico para atendê-los. Aqui na Paraíba há boa vontade de ajudar, mas tem de se tirar leite de pedra.

#### Há algum projeto público formalizado para ajudar essa população estrangeira que chega ao Estado?

O poder estadual, municipal e legislativo da Paraíba já entraram com um Projeto de Lei solicitando a criação de uma política municipal em João Pessoa, de acolhimento e integração de proteção dos direitos do refugiado, apátridas e migrantes forçados com maior vulnerabilidade. Há ainda o projeto de lei para criar o Comitê Municipal e também o Estadual de Direitos Humanos dos refugiados, migrantes forçados e apátridas, tanto na capital como na Paraíba. Isso significa que vão se alocar recursos, porque precisamos ter um órgão específico para atender as demandas destes estrangeiros.

#### Qual a importância desse Comitê?

■ Muito grande. Ele seria um órgão colegiado, onde teríamos membros de universidades, ONGs, secretarias e órgãos municipais e estaduais. O estrangeiro já saberia quem procurar quando chegasse ao Estado e em João Pessoa.

#### De uma forma geral, houve algum preparo de órgãos públicos para receber os venezuelanos na Paraíba?

■ Existe uma rede local onde pessoas de várias instituições foram capacitadas pelo Ministério Público Federal para saber como acolher o migrante ou refugiado. Temos um grupo de WhatsApp onde eu sou membro da rede local. Há representante da UFPB, da UEPB, das secretarias estaduais e municipais em áreas como saúde, educação, desenvolvimento social, desenvolvimento humano, Defensoria Pública, Ministério Público do Trabalho, e Ministério Público Federal, para ajudá-los. Eles têm recebido ajuda jurídica do Serviço Pastoral do Migrante e da Igreja Católica. A Defensoria Pública da União oferece advogado gratuitamente. Podemos dizer que a receptividade está sendo boa, mas a população ainda está se adaptando.

#### Em que cidades os venezuelanos se concentram na Paraíba?

■ Basicamente em João Pessoa e em Campina Grande. Eles vão para o Conde, passam um tempo, mas ficam em João Pessoa.

#### Qual a diferença entre refugiado e migrante forçado?

■ O refugiado tem registro internacional e quem delibera sobre a solicitação de refúgio no Brasil é o Comitê Nacional de Refugiado. Para ser refugiado, necessariamente, o indivíduo tem de estar fora de seu país na condição de perseguido por cinco motivos: em razão de raça, religião, nacionalidade, opi-

nião política ou pertencimento a grupo social. De forma pioneira no mundo, o Brasil ampliou essa definição para reconhecer como refugiado quem está fora de seu país em virtude de grave violação dos direitos humanos. Depois de quatro anos na condição de refugiado, o indivíduo passa a solicitar o visto permanente, para depois solicitar a naturalização. Já o migrante recebe o visto conforme a lei de cada país. A validade dele é nacional. Quem libera ou não esse visto no Brasil é o Comitê Nacional de Imigração. Na prática, o migrante também tem o direito ao trabalho, saúde, educação porque ele vai ser um estrangeiro com situação regular no país.

#### No Brasil, há um tratamento diferenciado em relação ao acolhimento de estrangeiros?

■ Diferentemente de outros países, no Brasil não tem centro de detenção para o estrangeiro que chega sem documentação, de forma irregular. O país também não deporta o refugiado e aplica a reunificação familiar, ou seja, se o estrangeiro já tem parente morando aqui, ele pode pedir a condição de refúgio para conviver com os parentes. Atualmente o Brasil tem refugiados vindos de aproximadamente 90 países. É considerado um país aberto para estrangeiros.

#### E na Paraíba, temos estrangeiros de quais nacionalidades?

■ Tenho visto sírios, colombianos, africanos e venezuelanos.

Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes

Foto: Marcus Antonius

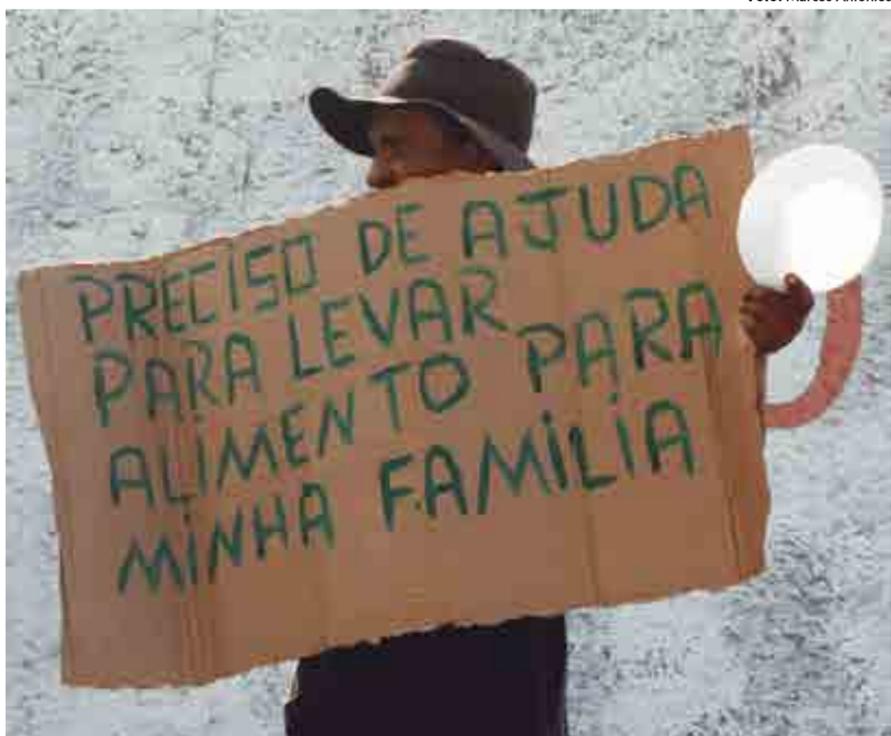


Foto: Roberto Guedes



# Pandemia agravou problemas dos que sobrevivem nas ruas

De acordo com levantamento da Prefeitura de João Pessoa, a cidade tem 300 pessoas nessas condições

**Iluska Cavalcante**  
cavalcanteiluska@gmail.com

João Pessoa tem cerca de 300 pessoas em situação de rua cadastradas na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Durante uma ida ao centro da cidade, por exemplo, é possível perceber facilmente entre os sinais, pessoas pedindo ou vendendo algo em busca de sobrevivência. No período de pandemia, essa cena se tornou ainda mais frequente. Além do desemprego, o isolamento social diminuiu o fluxo de pessoas nas ruas, dificultando o sustento daqueles que sobrevivem de doações ou como vendedores ambulantes.

Aos 27 anos e com seis filhos para sustentar, Leidijane Nascimento encontrou no sinal uma forma de sobreviver. Ao pedir, ela consegue sustentar seus filhos e ganhar doações, como cestas básicas. No entanto, ela vive sob o risco iminente de perder a guarda dos filhos. Por não ter com quem deixá-los, leva três, um deles ainda de colo, para passar o dia com ela em busca de doações.

Leidijane admite que não é a vida que gostaria de dar aos filhos, os fazendo enfrentar sol, chuva e os perigos da sua, mas emocionada também conta que não tem escolha. "Eu sei que é triste para mim está aqui com os meus filhos, o conselho já bateu em cima, mas disseram que iam conseguir uma bolsa aluguel pra mim e até agora nada. Já disseram que iam tomar meus filhos, mas ninguém toma meus filhos, nem que eu faço uma besteira na minha vida. Eu não to aqui brincando, eu to porque preciso", disse.

Sempre com um jeito forte e até um pouco agressivo na voz ao falar sobre a sua situação, Leidijane se deixa acalmar e chora ao lembrar das vezes que não conseguiu alimentar os filhos. Um deles, de apenas cinco anos de idade, se esforça para alcançar o vidro de um carro

Além do desemprego, o isolamento diminuiu o fluxo, dificultando o sustento dos que vivem de doações ou como vendedores ambulantes

de luxo parado no sinal, para conseguir pedir dinheiro. Eles costumam ficar no sinal entre a avenida Edson Ramalho e a avenida Ruy Carneiro. Alguns lençóis "forram" a calçada para descansarem, e uma lona ajuda a protegê-los do sol ou chuva.

Yuri Araújo, esposo de Leidijane, a acompanha todos os dias. Ele disse que essa é a forma que ele encontrou que sair da criminalidade. Todos os dias, às 8h da manhã, ele sai de casa, em uma comunidade no bairro de Mandacaru, com a esposa, os filhos e o irmão de apenas seis anos de idade. Aos 20 anos, ele não sabe ler nem escrever. "A minha infância foi assim como a dele (aponta para o irmão). Eu fui aprender a escrever meu nome quando fui preso e tive aula lá", contou.

O sonho do jovem era ser bombeiro. No entanto, ainda cedo se envolveu com a criminalidade. Algo que ele conta com vergonha. Seus dias se resumem em idas ao sinal junto com a sua família para pedir, e nem sempre consegue sequer almoçar. Yuri não sabe o que é trabalhar de carteira assinada e não conhece outra vida, senão essa.

A família divide o espaço com mais pessoas que, assim como eles, buscam pela sobrevivência. Gilvan Farias, de 30 anos, trabalha desde os 15 vendendo frutas nos sinais de João Pessoa. Ele conta que nunca conseguiu emprego por não ter sequer os documentos. Ganhando em média, de 30 a 40 reais por dia, ele afirma que essa é a forma de sustentar a ele e seu filho.



Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes



Foto: Marcus Antonius

Com o filho no colo, Leidijane Nascimento passa a pandemia pedindo dinheiro nos semáforos; o marido (acima, de azul) também a acompanha

## + Sem auxílio emergencial, tendência é piorar

Casos como o de Leidijane, em que as crianças vão com ela até os sinais pedir, são comuns, segundo a diretora da assistência social da Sedes, Juliana Teixeira. Ela comentou que, durante o período de pandemia, essa situação se agravou ainda mais. "Nesses casos, acionamos o conselho tutelar. Muitas vezes a gente percebe essa situação se agravando. Como agora as escolas não estão funcionando, elas usam as crianças realmente para pedir. Estamos fazendo essa abordagem, juntamente com os conselhos para a gente fazer esses encaminhamentos, mas não tem sido fácil esse momento em que a gente está vivendo".

Na opinião da diretora, o número de pessoas beneficiadas por programas da prefeitura, como o fornecimento de almoço e jantar nas ruas, cresceu durante o período de pandemia. "A gente percebe que realmente aumentou pelo quantitativo de abordagem na hora do almoço e no jantar para essa população. O desemprego

tem aumentado. Não tem sido fácil quando o comércio estava fechado principalmente, muitos eram flanelinhas, recebiam doações de restaurantes", disse.

Ela ressaltou que a preocupação é principalmente para o ano que vem. Provavelmente as consequências da pandemia devem aparecer com mais força em janeiro de 2021, quando o auxílio emergencial parar de ser fornecido. "A gente não sabe como vai ser ano que vem. Sempre em reunião a gente tem relatado que agora eles estão tendo a ajuda do auxílio, mas a partir de janeiro a gente acredita que será ainda mais difícil do que já está", comentou.

### A prefeitura

A Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), através da Secretaria de Desenvolvimento Social, informou que oferece auxílio às pessoas em situação de rua por meio de dois Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop).

O primeiro funciona no Centro da cidade e o segundo, que foi inaugurado em abril, fica no bairro de Jaguaribe e funciona 24 horas por dia. "O primeiro, nesta pandemia, restringiu um pouco seu funcionamento mas se manteve distribuindo café da manhã, assim como kits de higiene (máscara, álcool 70% e sabonete), senha para que os beneficiados pudessem almoçar gratuitamente no Restaurante Popular da Lagoa e também distribuindo jantar", diz nota da assessoria de comunicação.

Além disso, o Ruartes, que faz abordagem em diferentes pontos da cidade, auxilia pessoas em condição de rua. "Para o momento da pandemia, o serviço passou a distribuir refeições, almoço e jantar, em diferentes pontos da cidade, para alcançar aqueles que não têm como se deslocar para o Centro ou Jaguaribe. Também estão disponíveis as vagas nas diferentes casas de acolhimento que abarcam desde crianças até idosos".



Foto: Unplash

# Outubro Rosa alerta para o autocuidado das mulheres

Do autoexame até a ida a um consultório, cada minuto é importante para evitar e combater o câncer de mama

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“A detecção precoce do câncer de mama é o caminho para a cura, e as chances de eliminar a doença quando é diagnosticada na fase inicial, com lesão pequena, podem chegar a 95%”. A afirmação é da mastologista Roseane Machado, diretora geral do Centro Estadual de Diagnóstico do Câncer (CEDC). A estimativa do Instituto Nacional do Câncer é de 1.120 novos casos na Paraíba para cada ano do biênio 2020/2021, dos quais 360 em João Pessoa.

A especialista explicou, inclusive, o caminho que as mulheres devem seguir para ter acesso à consulta, exames e tratamento. Segundo ela, tudo começa na atenção primária, na unidade de saúde da

família, onde o médico generalista faz o exame clínico da mama à procura de alguma alteração, nódulo, cisto. Se houver algo, é feito o encaminhamento imediato para o CEDC. Lá, dependendo da idade, ela será submetida a uma mamografia ou ultrassonografia.

“No exame, se for diagnosticada alguma lesão, um nódulo sólido ou cístico, a paciente será encaminhada para uma punção aspirativa se for o caso de cisto, e uma biópsia mamária se for o nódulo sólido. Dentro da estrutura do CEDC, há um laboratório onde o material colhido, os fragmentos ou líquido, será examinado”, disse. Esse material passa por um processamento técnico e o patologista vai dizer se existem amostras malignas ou se são benignas.

“A maior dificuldade que nós

encontramos e, realmente, os municípios se queixam muito, é que o acesso até o serviço para fazer as biópsias é demorado. Porém, hoje o Estado está regulando as pacientes da Paraíba inteira e, com isso, nós acreditamos que essa dificuldade vai diminuir”, observou.

Os municípios, segundo Roseane Machado, são pactuados com municípios maiores que têm serviços especializados e existem cotas. Muitas vezes, segundo ela, os municípios pactuaram um número insuficiente de procedimentos e, por isso, na metade do ano, pode acontecer de não ter mais nenhum disponível.

## Corrida contra o tempo

“Quando a gente fala de suspeição de câncer, não podemos esperar. A lesão de mama é dife-

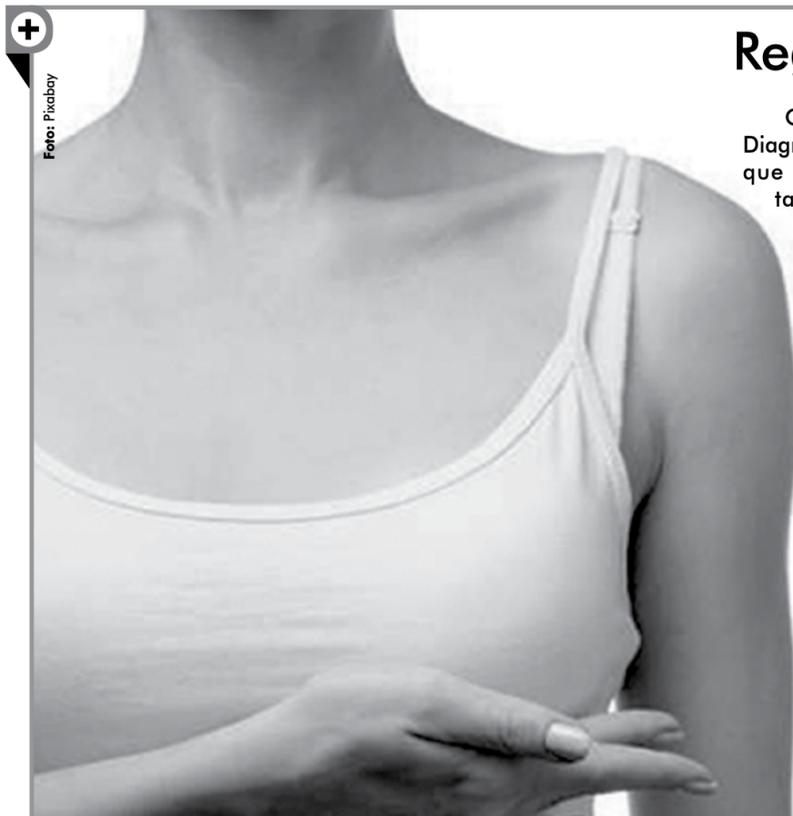
rente da lesão de colo de útero. A mulher que tem um diagnóstico de uma lesão de alto grau no colo do útero pode esperar um pouco mais para fazer o tratamento, diferente de mama. O desenvolvimento das células cancerígenas da mama é muito grande. Tem que correr contra o tempo, porque faz uma grande diferença de um mês para o outro”, ressaltou.

A própria mulher, conforme explicou a diretora, vai funcionar como seu próprio agente de saúde fazendo mensalmente o autoexame da mama, se tocando para ver se há alguma alteração.

Se houver, vai para o médico do PSF e, se ele confirmar que algo está alterado, encaminha para o centro especializado. A paciente vai passar pelo mastologista que é o médico especialista na mama.



Roseane Machado, diretora geral do Centro Estadual de Diagnóstico do Câncer



## Regulação agora é exclusivamente estadual

O Centro Especializado em Diagnóstico do Câncer (CEDC), que tinha gestão dupla, estadual e municipal, agora é exclusivamente gerido pelo Estado, o que facilita a comunicação com os municípios que precisam de atendimento para suas pacientes. O CEDC é o serviço de referência estadual e este ano houve uma aproximação maior com os gerentes regio-

nais de saúde para trabalhar no reforço à presença do Estado nas gerências.

Isso vai fazer com que os gerentes identifiquem as mulheres que precisam fazer mamografia, biópsia, punção aspirativa em cada município. Isso é prioridade até porque não podemos fazer chamamento em massa como em outros anos. Hoje o cenário atual ainda é de pandemia. A gente precisa ter todo o cuidado e segurança no atendimento às

pacientes, obedecendo todas as medidas de segurança e de distanciamento.

A mastologista Roseane Machado afirmou que a paciente que nunca fez o exame deve priorizar, mas tudo tem que vir via PSF, que vai regular para o CEDC. “Não estamos atendendo demanda espontânea, exceto mulheres que têm a mamografia ou ultrassonografia de uma lesão suspeita”, enfatizou a diretora.

### Como funciona

Horário estendido no CEDC

Horário normal é de 7h às 16h30.

Em outubro, excepcionalmente, das 7h às 19h.

Para ter acesso, é preciso ser encaminhado pelo município.

A via de acesso ao diagnóstico precoce

Unidade de Saúde da Família

Atenção Especializada

Se o diagnóstico de câncer for positivo, segue para a atenção

terciária – Hospital Napoleão Laureano e Hospital São Vicente de Paula

### Faixa etária com prioridade

A Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB) informou que a faixa etária estabelecida pelo Ministério da Saúde é de 50 a 69 anos, a cada dois anos. Porém, em João Pessoa e Campina Grande, é a partir dos 40 anos.

Continua na página 7

As mulheres com idade entre 40 e 74 anos devem passar pela avaliação de um profissional na Unidade de Saúde da Família (USF). Essa faixa etária prioritária foi ampliada em 2017 para dar mais acesso às usuárias

▶▶▶ Continuação

# Diagnóstico precoce salva

Durante todo o mês de outubro, o Governo do Estado disponibilizará entre 1.200 e 1.500 mamografias

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A campanha Outubro Rosa, lançada pelo Governo do Estado na quinta-feira, dia 1º, incentiva a prevenção do câncer de mama. No Estado, a referência na detecção precoce da doença é o Centro Especializado de Diagnóstico do Câncer (CEDC). Uma série de ações estão previstas ao longo de mês. Para evitar aglomeração, devido à pandemia da covid-19, o acesso ao CEDC deve ser regulado e agendado.

Durante todo o mês de outubro serão disponibilizadas entre 1.200 e 1.500 mamografias, além de 350 biópsias mamárias no local. O Centro funciona durante todo o ano, com consultas com mastologistas, realização de mamografias e de procedimentos intervencionistas guiados por ultrassonografia, entre outros.

Já a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de João Pessoa informou que a Rede Municipal de Saúde trabalha ações de prevenção durante todo o ano, intensificando as atividades durante a Campanha Outubro Rosa.

Para a busca do diagnóstico precoce, o trabalho começa na Atenção Básica com a consulta nas unidades de saúde da família. A



Foto: Agência Brasil

Para o diagnóstico precoce, o trabalho começa na Atenção Básica com a consulta nas unidades de saúde da família

paciente é encaminhada para o exame de mamografia nos serviços contratados, que são habilitados e referências para o procedimento, garantindo a qualidade dos exames.

Por mês, a Rede Municipal de Saúde oferta mais de 3.500 mamografias destinadas à rede pública. Porém, em 2020, até o mês de julho, foram realizados cerca de 5.500 exames, número abaixo do esperado em razão da baixa procura durante o período de distanciamento social. Com a campanha e o plano de flexibilização, a

expectativa da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) é que as usuárias voltem a procurar os serviços.

#### Acesso ao exame

As mulheres com idade entre 40 e 74 anos devem passar pela avaliação de um profissional na Unidade de Saúde da Família (USF). Essa faixa etária prioritária foi ampliada desde 2017 para dar mais acesso às usuárias. Se necessário, ela é encaminhada para o exame. A marcação pode ser feita na USF ou em um dos serviços conveniados

para quem mora na capital. As moradoras de municípios pactuados devem agendar os exames através das Secretarias de Saúde de suas cidades.

#### Serviços conveniados

A rede municipal também possui serviços conveniados para mamografia com o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), Instituto Walfredo Guedes Pereira (São Vicente de Paula), Fundação Napoleão Laureano e Centro Especializado em Diagnóstico do Câncer (CEDC).

## + O projeto Ágatha

Em João Pessoa, três mastologistas da rede pública de saúde se uniram e criaram o projeto Ágatha. Rossana Paiva, Rafaela Montenegro e Georgia Feitosa estão à frente da iniciativa que, através de doações e parcerias, pretende viabilizar o acesso a exames de alta complexidade que geralmente têm preços bem elevados. As beneficiadas do projeto são pacientes que dependem do Sistema Único de Saúde (SUS). O nome é inspirado na santa Ágatha, protetora das mulheres com câncer de mama.

“A importância do projeto é garantir que a paciente tenha o diagnóstico de forma precoce, e para que ela tenha o exame mais adequado para seu tratamento, e que esta paciente possa receber ajuda em seu tratamento”, afirmou Rossana Paiva.

Assim, através de várias ações, o projeto – executado sem fins lucrativos – está arrecadando valores para promover alguns exames e procedimentos que a paciente, às vezes, tem mais dificuldade na rede pública. “O número de exames ofertados vai depender do montante que for arrecado pelo projeto através de parcerias tanto na rede pública como das doações feitas pelo setor privado”, explicou.

Entre alguns dos exames e procedimentos estão a clipeagem de leito tumoral pré-quimioterapia, biópsia assistida a vácuo, congelação intraoperatória e anátomo-patológico de mamotomia. “Esses exames são de medicina de ponta relacionados à mastologia. São esses exames que a gente está tentando conseguir com esse projeto, que vem unindo muitas mulheres, trazer essa medicina para essas pacientes que tanto precisam. Queremos que tudo dê certo e deixamos claro que somos parceiras do SUS”, disse a mastologista.

Para divulgar o projeto, elas criaram uma rede chamada @elasapoiam. É uma forma de as mulheres se ajudarem e, também, uma forma de atrair os mais variados doadores para a causa. As ações do projeto serão realizadas ao longo do mês de outubro. As pacientes a serem atendidas são as que dão entrada em qualquer unidade do Sistema Único de Saúde.

Foto: Fotos Públicas



Santa Ágatha é a protetora das mulheres com câncer de mama

#### NÚMEROS NA PARAÍBA

##### ■ O combate ao câncer de mama em números

##### Mamografias realizadas na Paraíba

2017	44.756
2018	31.294
2019	38.096 (50-69anos) e 19.815 (40-49 anos)
2020	7.923 (janeiro a março/50-69 anos) / 1.402 (abril a julho/50-69anos)
	4.069 (janeiro a março/40-49anos) / 601 (abr a julho/40-49anos)

##### ■ Óbitos por câncer de mama – Paraíba

2017 – 212	2019 – 308
2018 – 256	2020 – 173 (dados até setembro).

##### ■ 19

É o número de serviços disponíveis para atender a rede SUS na Paraíba. Destes, três são privados conveniados ao SUS e 16 públicos. O Estado conta com 21 mamógrafos distribuídos em 12 municípios – João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Catolé do Rocha, Princesa Isabel, Cajazeiras, Patos, Monteiro, Cuité, Guarabira, Areia e Belém. Apenas um encontra-se quebrado.

Fonte: SES-PB.



Monumento em homenagem ao paraibano Jackson do Pandeiro e ao pernambucano Luiz Gonzaga em frente ao Açude Velho, um dos principais cartões postais de Campina Grande

# Campina Grande celebra 156 anos vencendo a pandemia

Com principais eventos cancelados, a Rainha da Borborema aniversaria em meio a muitos desafios e conquistas

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

A Rainha da Borborema, Campina Grande, começou a existir enquanto cidade há exatos 156 anos, no dia 11 de outubro de 1864. De lá para cá, o município se consolidou como um dos principais polos industriais e tecnológicos do Nordeste. Sua população é de 410.332 mil habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da Paraíba e com uma região metropolitana composta por 19 municípios. Localizada no Agreste paraibano, Campina Grande esse ano “sopra as velinhas” sob os impactos da pandemia do novo coronavírus. Estar à frente da gestão municipal de uma cidade centenária

diante de algo nunca visto como a pandemia foi, e tem sido, um desafio. “Particularmente, é uma experiência que me marcou para o resto de minha vida pública, porque foi um momento em que, além do bom senso nas medidas, foi preciso estabelecer um elevado grau de liderança para conduzir a cidade em meio a essa tormenta”, definiu Romero Rodrigues, prefeito de Campina Grande.

O primeiro caso de covid-19 na cidade foi confirmado no dia 27 de março, quase dez dias depois da primeira confirmação na Paraíba. Em antecipação, no dia 20 do mesmo mês, a Prefeitura Municipal de Campina Grande havia publicado o primeiro decreto com medidas de

enfrentamento à doença.

“As ações de prevenção ao novo coronavírus começaram muito cedo, ainda no mês de fevereiro, quando chegou o primeiro caso ao Brasil. Naquela época, já estabelecemos o fluxo de atendimento primário. E ali, naquele momento, já estabelecemos que o Hospital Municipal Pedro I seria a referência de tratamento e de pronto começamos a equipar o hospital para receber os primeiros casos”, destacou Filipe Reul, secretário de saúde de Campina Grande.

“O primeiro caso foi, na verdade, o principal gatilho que acionou todas as medidas de planejamento e execução, a curto, médio e longo prazos na gestão em relação à prevenção, controle e tratamen-

to da covid-19. O Gabinete do Prefeito foi praticamente transferido para a unidade administrativa do Hospital Municipal Pedro I, no bairro de São José”, completou o prefeito da cidade.

Ainda de acordo com Reul, antes de qualquer suspeita, já havia leitos inclusive com respiradores e, aos poucos a rede de atendimento foi sendo ampliada até chegar a mais de 140 leitos somente no Pedro I. “Isso foi fundamental, junto a todas as ações preventivas, como distribuição de máscaras, suspensão de atividades e outras iniciativas para que tivéssemos um resultado positivo como o que alcançamos”, lembrou o secretário de saúde.

Segundo Rodrigues, logo

no início houve apreensão, por se tratar de um problema incomum e marcado por mistérios da ciência. “A primeira reunião realizada por mim com um comitê, envolvendo vários integrantes de múltiplas secretarias e órgãos, que passou a me dar suporte técnico na definição de estratégias, resultou num planejamento mais genérico em relação às medidas a serem adotadas e depois mais pontuais, como foi o caso da suspensão das aulas, do atendimento ao público nas repartições públicas e automática definição de padrões não presenciais, onde coube, no funcionamento do serviço público municipal”, afirmou ele.

As medidas restritivas impuseram novos comporta-

mentos. O comércio fechou, empresariado com prejuízos, desemprego batendo à porta. Muitas pessoas permaneceram em suas casas, muitas delas perderam a vida para a covid-19. Momento de luto e dor, mas o momento também se inclina para a retomada, para a vontade de levantar a cidade, tão conhecida por suas festividades.

“O slogan de nosso governo é ‘Cidade de Trabalho’. Após esse período de turbulências, desafios e grande lua passou a ser ‘Cidade de Trabalho e Superação’. Isto é Campina Grande. Uma cidade que se reinventa, se supera e dá lições ao Brasil e ao mundo sobre união, capacidade de trabalho e força frente às diversidades”, finalizou Romero Rodrigues.



## Momento agora é de solidariedade e esperança

Ainda no início da pandemia na Paraíba, no dia 23 de março, o prefeito Romero Rodrigues anunciou que o “Maior São João do Mundo” seria adiado para os dias de 9 de outubro a 8 de novembro. Foi a primeira mudança na festividade mais aguardada da cidade. Durante os dias que aconteceriam o evento, no feriado Junino, a cidade foi palco de uma versão virtual do Maior São João do Mundo, com show principal de Elba Ramalho na terça-feira, 23 de junho, e de Flávio José no dia 24.

Pouco mais de um mês depois, o evento junino presencial viria a ser cancelado oficialmente. 2020, que seria a 37ª edição do Maior São João do Mundo, se tornou o primeiro ano em que a festa não aconteceu. “É um evento de alcance nacional e até mesmo internacional. Nós estamos falando do evento que carrega a marca de Maior São João do Mundo. Com muita tristeza, a gente anuncia que não será possível realizar o evento este ano”, disse ele, na época.

Ainda durante a mesma transmissão do cancelamento do São João, o prefeito de Campina Grande anunciou a antecipação da inauguração das luzes e da programação dos eventos natalinos da cidade, que acontecem hoje, no aniversário de emanci-

pação política da cidade. Ele explicou, na ocasião, que o objetivo era movimentar o turismo da cidade. “Precisamos movimentar a cidade e fazer com que pessoas de outros locais visitem Campina Grande, mas de forma segura, já que as atrações do Natal Iluminado são sempre ao ar livre”, explicou.

### Há que se comemorar

Mas a Rainha da Borborema, que tem no seu povo o ânimo para se reerguer e sempre estampar um sorriso no rosto, tem o que comemorar. Com a flexibilização de alguns setores, o fluxo econômico voltar a tomar fôlego e investimentos do governo também chegam para anunciar um futuro próspero.

Outro motivo para celebrar é a estabilidade dos casos da doença. Há quase sete meses do primeiro caso de covid-19 no Estado e em Campina Grande, o secretário de saúde do município destaca que neste momento a pandemia está sobre controle e com números de novos casos confirmados em queda. Diante desse cenário, “readequamos a UPA Alto Branco para atender as demais patologias e reabrimos nossos outros serviços para atender toda a população nas suas demandas. O Hospital Pedro I é agora a referência para o atendimento primário e para o

tratamento”, pontuou ele.

Campina Grande foi, desde o início da pandemia, referência na assistência no tratamento da covid-19 na 2ª Macrorregião de Saúde, que abrange 70 municípios paraibanos e uma média de 1,2 milhão de paraibanos.

Apesar do otimismo, existe certa preocupação com a possibilidade de haver uma segunda onda da doença, assim como aconteceu em outros países e cidades do mundo. Mesmo assim, Reul afirma que é necessário colocar o Plano de Retomada e Convivência com a Pandemia em prática, respeitando todos os requisitos. “Se cumprirmos as orientações de usarmos máscaras, utilizarmos álcool em gel, evitarmos aglomerações, continuaremos com a pandemia sobre controle na cidade”, disse Filipe.

No balanço do que fica de legado para a cidade, Romero Rodrigues acredita que “mais marcante, em termos de lição para toda a vida, é a confirmação de que é impossível você vencer um desafio dessa dimensão sem dispor de uma equipe com pessoas dispostas a se doarem 24 horas por dia. A energia que diariamente me dava forças para prosseguir na coordenação geral das ações vinha justamente das manifestações de apoio, solidariedade e incentivo”, finalizou ele.

Fotos: Divulgação



Festival de Quadrilhas, evento junino já tradicional no Parque do Povo



Vista aérea da Rainha da Borborema, segunda cidade mais populosa da PB



PURPLE IGUANA INVESTMENTS

M&A | EQUITY PARTNERS

New Office - João Pessoa - PARAÍBA

Avenida João Cabral da Silva, 221

ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B

Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005

Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999



Foto: Divulgação

# Tiras filosofam sobre a morte

Com consultoria de psiquiatra da Paraíba, gaúcho Gustavo Borges aborda tema delicado: o suicídio

**Cairé Andrade**  
caireandrade@gmail.com

Explorando territórios delicados de uma maneira leve e atenciosa, o quadrinista Gustavo Borges, através de seus personagens na série de tiras *Morte Crens*, converge assuntos relacionados às crises pessoais, provocando reflexões de uma forma sensível. Juntamente com o psiquiatra paraibano Charles Lucena, o ilustrador de Porto Alegre (RS) trocou ideias para seu projeto mais recente, que aborda questões voltadas ao suicídio.

Nascido em 1995, Gustavo lembra de ter criado o personagem da Morte aos 16 anos. "Não tinha pensado filosoficamente muito longe sobre a morte e estava procurando algum personagem de tirinhas para explorar. Acabei encontrando, nos meus desenhos, o esqueleto com a foice". Por escolher trabalhar com a personagem, ele confessa ter se deparado com diversas questões que ainda não havia amadurecido até então. "Filosofar sobre algo para escrever realmente nos faz pensar sobre as coisas. Essa personagem me fez parar e pensar sobre o que eu queria falar".

Além da Morte, o autor também criou a família da personagem: a Peste, a Guerra e a

Fome. "Eles trazem questões sobre eles mesmos. Estão ampliando os discursos, é algo que está acontecendo naturalmente em volta da Morte", contextualiza Borges.

Algo gradual, como ele percebe, as outras criações surgiram no decorrer dos anos e a partir de uma comunicação direta com o leitor, pois Gustavo confessa ainda não saber com precisão o que funcionaria nas suas tirinhas. Atualmente, o cartunista conta com mais de 50 mil seguidores em sua página do Instagram dedicada ao projeto (@mortecrens). "Há uma grande quantidade de respostas e eu consigo entender melhor como cada trabalho é recebido", explica.

Por conta do desenvolvimento da personagem da Morte, Gustavo Borges foi se descobrindo e aprimorando suas discussões através dela. "Ela demonstrou ser uma forma de questionar vários padrões da vida, mas sempre trazendo o discurso geral, sobre o valor da vida, e de forma alguma romantizando a morte", aponta. Sem se aprofundar em religiões, ele desenvolveu o contexto no qual a morte conduz os seres humanos pelo rio, cujo destino nem a morte sabe ao certo. "A ideia é questionar sobre a eternidade, trazendo o discurso do quanto o agora é valioso".

Além da Morte e de sua família, Borges também criou a Vida, que representa o oposto de sentimentos. Com cabelo verde e elementos orgânicos espalhados pelo corpo, a Vida é alegre e equilibra o contexto das tirinhas, segundo o autor. "Eles trazem visões diferentes, pontos negativos e positivos sobre cada assunto".

O quadrinista gaúcho confessa ter evitado abordar assuntos relativos ao suicídio por muito tempo, mas decidiu trabalhar em algo dedicado ao mês de setembro, dedicado à campanha de prevenção ao suicídio. Um tema ainda mais delicado do que lidar com a personagem da Morte e da Vida, Gustavo Borges viu a necessidade de conversar e pedir orientação para um melhor direcionamento de suas temáticas e diálogos nas tirinhas.

"Charles Lucena topou ajudar e eu comecei a fazer aos poucos, fazia alguns, deletava e, eventualmente, escrevi o material inteiro. Ele me ajudou em definir melhores frases e complementos", afirma Gustavo. "Foi algo intenso, não apenas pelo prazo curto, mas por colocar à frente uma verdade que a gente prefere ignorar na maioria dos dias".

O resultado foi um arco de quatro tirinhas, disponíveis na página de *Morte Crens*. As

ideias de explorar temas delicados de uma forma leve e até bem-humorada vêm do Snoopy. "A gente se relaciona nas tirinhas partir de situações que também passamos na vida. Os dilemas são relacionáveis com o leitor. É algo que me influencia muito", aponta.

Seguindo com histórias da Morte Crens, cujo histórico já conta com três livros publicados, Gustavo Borges pretende lançar em breve a quarta coletânea dedicada à personagem. Autor de obras como *Cebolinha - Recuperação* (Panini), uma visão de autores nacionais sobre personagens de Mauricio de Sousa, o autor recebeu recentemente uma indicação

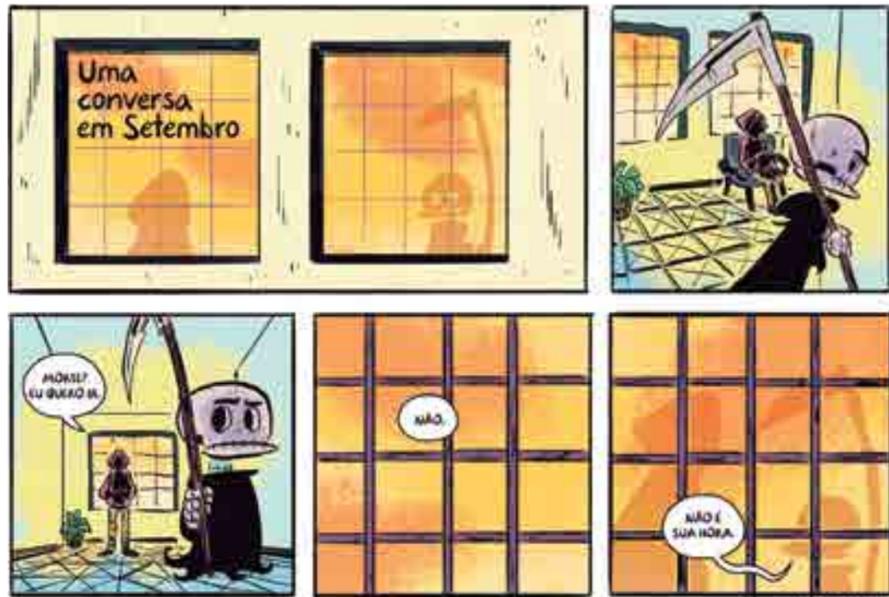
(com o roteirista Eric Peleias) ao Troféu HQMix para a obra independente *Como Fazer Amigos e Enfrentar Fantasmas*, e ainda pretende focar em outro projeto, batizado de *Medo de Sapos*, este sem ligação com morte e temas relativos.



Imagem: Divulgação

Vida e Morte Crens (acima) são protagonistas das tirinhas, que provocam reflexões de uma forma sensível em série sobre as questões do suicídio (ao lado)

Imagens: Divulgação



## + "É uma série doce e positiva que pode desarmar alguns gatilhos"

Charles Lucena, médico psiquiatra paraibano, lembra de ter conhecido Gustavo Borges através de suas redes sociais, em 2014. "Chamou minha atenção. Desde então eu acompanho de perto o trabalho dele", confirma. "Ele me falava que tinha dificuldade de como encarar situações voltadas ao suicídio e do que

falar quando alguém precisa de ajuda. Há algum tempo a gente pensava na possibilidade de falar para esse público sobre o tema, de uma forma mais aberta e delicada".

Para Gustavo, o amigo paraibano foi um orientador. "Eu precisava de alguém que apontasse onde ter mais cuidado, onde eu poderia

explorar mais ou escrever de outra forma. Queria mostrar, através desse projeto, que é possível buscar ajuda. Buscar a parceria com Charles era o mais responsável a se fazer".

Devido ao distanciamento geográfico, a orientação para essas tiras específicas de *Morte Crens* foi inteiramente realizada pelas redes sociais. O cuidado, de acordo com o psiquiatra, é essencial e o quadrinista acertou no tom. "É uma série doce e positiva que pode desarmar alguns gatilhos e ajudar pessoas em relação ao que falar e como falar. Ele aponta vários caminhos para as pessoas em vulnerabilidade".

Gustavo Borges diz que o assunto era essencial, mas muito complicado. "Apesar de ter fugido desse assunto por muito tempo, percebia alguns leitores que comenta-

vam algo pessoal e algumas dificuldades deles. Isso foi me alertando cada vez mais para falar de uma forma mais ativa e cuidar dessas pessoas. Não acho que uma tirinha de Internet vá curar alguém, mas ela proporciona o questionamento pessoal, ou de trazer um leve conforto, ou de perceber que você não está passando por aquilo sozinho".

Ainda visto como um tabu, o suicídio deve ser mais abordado, porém com grande cuidado. "As pessoas acham que só acontece com os outros. É um assunto que precisa ser mais discutido e não apenas nos meses de setembro", diz Charles Lucena. "O trabalho de Gustavo, que traz esse assunto voltado principalmente para os adolescentes e jovens adultos, pode ser um refúgio acolhedor para

amparar em momentos de dificuldade", complementa o médico, comparando com outras linguagens artísticas. "Ele discute questões de forma muito interessante, traz discussões importantes, relevantes. Está preocupado com questões sociais e situações que podem impactar o público dele de forma positiva, com uma grande sensibilidade", conclui.



Fotos: Divulgação

Para o quadrinista Gustavo Borges (E), as tiras podem acalantar leitores vulneráveis; psiquiatra Charles Lucena (D) frisa que o suicídio deve ser mais falado e discutido, porém com cautela



Através do QR Code acima, acesse o perfil oficial no Instagram de 'Morte Crens'

## A coisa proibida

Um tema comum em contos folclóricos e de diversas narrativas mitológicas é o da “coisa proibida”. Ele aparece num dos nossos mais importantes mitos fundadores: a queda do homem no Éden. Sempre pensei que, se Deus é onisciente, ele sabia que Adão e Eva desobedeceriam a ordem de não comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O mitólogo Joseph Campbell diz que Deus certamente sabia, mas que essa era uma condição para que o primeiro casal humano começasse a viver.

Na visão de Campbell, a vida de Adão e Eva se iniciou depois da desobediência. Isso porque a experiência que se segue é a quebra da unidade atemporal, e o descontinuo do mundo como uma realidade baseada em pares de opostos: vida e morte, homem e mulher, certo e errado, verdade e mentira, juventude e velhice etc. Basta lembrar que antes de comer o fruto proibido, Adão e Eva desconheciam essas dualidades. O que me parece uma interpretação muito interessante.

O tema da “coisa proibida” pode ser visto, por exemplo, no mito da Caixa de Pandora e no conto do Barba Azul – um nobre assassino que, certa vez, viajou e entregou as chaves de sua casa à sua esposa e a proibiu de entrar num dos cômodos. Ela, bastante curiosa, desobedeceu e teve uma visão aterrorizante: as esposas do Barba Azul estavam mortas e penduradas na parede.

Qual seria a explicação para que o mesmo tema se replice em histórias diferentes? Campbell, como estruturalista, argumenta que uma de duas explicações é a de que: “[...]a psique humana é essencialmente a mesma, em todo o mundo. A psique é a experiência interior do corpo humano, que é essencialmente o mesmo para todos os seres humanos, com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir desse solo comum, constitui-se o que Jung chama de arquétipos, que são as ideias em comum dos mitos.”

Esses arquétipos ganhariam roupagens diferentes a depender das variações culturais ou características

históricas de um tempo, porém seus elementos mais fundamentais, estruturais, seriam os mesmos porque suas bases são de ordem biológica. Campbell afirma que “são essas diferenças que o antropólogo se esforça por identificar e comparar. Agora, existe também a contrateoria da difusão, que pretende dar conta da similaridade dos mitos.”

O exemplo que Campbell dá é bem esclarecedor: “A arte de lavar o solo avança a partir da área em que se desenvolve primeiro, levando consigo uma mitologia que tem a ver com a fertilização da terra, com plantar e cultivar plantas alimentícias – mitos como aquele antes descrito, de matar uma divindade, cortá-la em pedaços, enterrar as partes, e daí o crescimento das plantas alimentícias. Um mito desse tipo acompanhará uma tradição agrária ou lavradora. Mas você não o encontrará numa cultura voltada para a caça. Assim, há aspectos tanto históricos como psicológicos nessa questão da similaridade dos mitos.”

Outro argumento curioso é o de que as histórias de criações e de outras narrativas mitológicas teriam como finalidade produzir as condições simbólicas e afetivas para nos abirmos à transcendência. A vida humana é marcada por um mistério primordial, que engloba todas as coisas e é chamado por Campbell de “vasto chão de silêncio”. Os mitos nos levam a “experimentar a presença divina”.

A partir dessa ideia, Campbell recorda de uma saudação feita na Índia: “Na Índia existe uma bela saudação, em que as palmas das mãos se juntam e você se inclina na direção da outra pessoa. Sabe o que isso significa?”

A resposta de Campbell é a seguinte: “A posição das palmas unidas – é o que fazemos quando rezamos, não é mesmo? Segundo essa saudação, o deus que está em você reconhece o deus que está no outro. Essa gente tem consciência da presença divina em todas as coisas. Quando entra num lar indiano, como convidado, você é recebido como uma deidade em visita.”

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

## A violência da razão narcísica

Nos dias atuais, a violência da sociedade instalou-se e a violência da razão se tornou o único caminho para resolver os conflitos. O risco disso é o pragmatismo determinar que todos devem agir a partir das próprias vontades, dessa forma o medo, a tirania, os preconceitos, a barbárie e a alienação ocupem o lugar do diálogo e da esperança de que todo indivíduo tem algo da dignidade humana que precisa ser preservada, mesmo no indivíduo mais adoecido. A razão narcísica destrói a espontaneidade da esperança como resposta ao sofrimento, ao desejo de pertencimento e a descoberta de própria identidade. A violência narcísica não é um defeito de caráter do indivíduo, pode-se entender que essa violência é a transferência numa ideologia produzida pela indústria de consumo que deforma a percepção do indivíduo de si mesmo, e extermina a harmonia da vida coletiva. O adoecimento da razão se dá no individualismo. A violência narcísica se expressa na fúria para com a alteridade do outro.

A arte reconstrói a dignidade da dor humana e se manifesta na sensibilidade e no comportamento. Essa construção também surge na cultura e se manifestam no regionalismo, no folclore e nacionalismo. Dessa forma, o indivíduo é influenciado por uma realidade externa e se constitui, de forma fragmentada, numa cultura que está inserido. A existência humana é constituída de conflitos suportáveis e insuportáveis, que estabelecem tensões entre o consciente e inconsciente, são nesses conflitos que o indivíduo adoce a própria existência, e, diante deles – através da sensibilidade – é necessário reconstruir os fragmentos do ideal do eu. Na dignidade da dor, suportar-se é uma forma de reconstruir o próprio pertencimento, e esse cuidar de si é a única cultura que permite harmonizar a tensões das realidades externas e internas, a fim de manter o sentido da vida para criar o próprio gosto estético para com a existência.

Para contextualizar a importância da arte na formação da dignidade humana e de criar o gosto estético na socieda-



Foto: Divulgação

Compositor barroco Johann Sebastian Bach

de e a construção da paz entre países, na extensão dessa coluna, irei apresentar as contribuições do pensamento musical do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750). Sinta-se convidado para esta audição do 288 Domingo Sinfônico, na Rádio Tabajara, deste dia 11. das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

O professor, compositor, cravista, regente, organista, violinista e violista alemão Johann Bach, ficou órfão aos dez anos e foi morar com o irmão Johann Christoph (1682-1732), que lhe ensinou órgão. Bach era um homem pragmático e suas composições exprimem uma relação com seu estilo de vida e com o contexto cultural e conflitos da época.

Um desses conflitos foi explicar a beleza da natureza e do homem, a partir das Leis da natureza; e apresentar o novo método de observação da ciência sem as influências dos dogmas religiosos sobre a razão. Bach contribuiu com uma estética, de forma a estabelecer uma unicidade entre homem, natureza e Deus, e de que estamos numa infinita busca de perseguir e de fugir de “algo”. Bach direcionava sua música para a glória de Deus e o prazer da alma e apresentou suas teses nas técnicas do contraponto e nos conceitos de: sujeito; de fuga; *fugare* e *fugere*.

Bach, ao estudar órgão, foi influenciado pelas obras dos compositores do norte da Alemanha, entre eles, o Dieterich Buxtehude (1637-1707) e Johann Adam Reincken (1623-1722), e continuou a desenvolver suas composições para órgão em Arnstadt e Weimar. Naquela época, no início do século 18, Bach produziu cantatas para capela e, na cidade de Leipzig, compôs para eventos cívicos e Igrejas, além de exercer a profissão de professor. No seu estilo, Bach apresenta o domínio absoluto da progressão harmônica e das engrenagens do contraponto barroco. Isso lhe permitiu enquadrá-lo como um dos gênios que mais dominou a forma contrapontística da música erudita e que – até hoje – influencia compositores.

Bach demonstra – em sua fase mais madura – o interesse pela forma e pelos temas suaves do concerto italiano e pelos temas elegantes de abertura dos concertos franceses e pelas suítes de dança. Tudo isso, e com a robustez das melodias alemãs, foram unificados no seu estilo. Suas estruturas harmônicas são precisas e minuciosamente entrelaçadas e complexas, isto fez de Bach um compositor formal e de uma densa técnica de compor para uma expressão emocional.

Naquela época, surgiu um estilo cortesão com temas leves e espontâneos e simples, essa nova forma de compor influenciou compositores – aproximadamente a partir de 1730 – e, para fugir da complexidade do estilo de Bach, ironicamente, dois de seus filhos o Carl Philipp Emanuel Bach (1714-1788) e Johann Christian Bach (1735-1782), tornaram-se representantes desse novo estilo, que priorizavam a simplicidade e leveza e ajudaram a impulsionar o novo classicismo. Naquele período, Bach se tornou um compositor esquecido durante a metade do século 18 e 19, mas foi retomado na metade do século 19 pelo músico alemão Felix Mendelssohn Bartholdy (1809-1847). No século 20 e nos dias atuais, Bach é estudado e continua exercendo influências para todos os estilos de composições. Bach construiu a unicidade entre o homem, natureza e Deus, e priorizou a sensibilidade diante da razão narcísica.

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## A outra banda dos rapazes

Libação. Não sei porque dei o título de libação ao texto de hoje e retirei. Como posso está questionando isso, se ainda não escrevi nada sobre libação. A palavra eu vi noutra filme. Esquece.

O filme *Os Rapazes da Banda* (*The Boys in the Band*), de Joe Mantello, está de volta na Netflix. É o *remake* do drama e comédia de 1970, de William Friedkin. Ambos são baseados na peça de mesmo nome escrita por Mart Crowley (que havia estreado no circuito da Broadway dois anos antes, 1968).

O novo longa traz a mesma história de oito amigos gays reunidos para comemorar o aniversário Harold (Zachary Quinto). É muito bom, é forte, porque as personagens se desnudam e isso recai sobre todos nós: somos bem parecidos em nossas vastas solidões.

Não digo solidão pela homossexualidade. Jamais. Mas pela eterna prisão. A peça deve ter sido uma porrada na cara dos caretas, que ainda hoje fincam o pé na homofobia.

Uma festa. Regada à muita bebida, lembranças, risadas e música. O filme é teatral o tempo inteiro, parece todo rodado dentro do apartamento, onde mora Michel (Jim Parsons). Com o passar das horas vai se tornando uma noite segregada, ilusória, exposta, entre segredos, gritos, fragilidades e dores que desencadeiam em sentimentos escondidos, e se juntam a mágoas nunca ditas pelas personagens. É sempre assim, seja nos guetos, nos salões, nos botecos, entre héteros ou homossexuais.

Um dia as pessoas resolvem botar o bloco na rua, não que seja proibido botar o bloco na rua, só que, numa reunião festiva, quando todos já estão embriagados, a coisa sai do controle.

Li algumas críticas, todas favoráveis, indicando que o filme é considerado um marco para o cinema e que está entre os primeiros filmes estadunidenses a abordar histórias que giravam em torno de personagens gays. Os gays são belos. Os heterossexuais também.

Quando entrevistei Nando Reis, na semana passada, ele abordou o tema, ao afirmar que cada um deve escolher com quem quer viver e a quem quer amar. É o certo. NR fez homenagem a Lulu Santos, que fora casado durante longo tempo com a jornalista Scarlet Moon de Chevalier e agora tem como parceiro, Clebson Teixeira.

Ainda que a obra de Mart Crowley (não esqueçam de ver o documentário no final do filme), possua indivíduos com arcos trágicos e se utilize de alguns estereótipos na construção deles, ao mesmo tempo ela tem coragem de abordar temas que incomodam e são debatidos até hoje dentro da comunidade LGBT, como homofobia, dificuldades de autoaceitação, solidão, depressão, envelhecimento, monogamia x poligamia, machismo e masculinidade frágil. É cruel, mas a sociedade não muda

O fato de *Os Rapazes da Banda* ser uma adaptação para as telas feita pelo próprio autor da peça faz com que a proposta teatral seja mantida. Porém, o que torna a experiência em algo essencialmente cinematográfica é o olhar aguçado de Joe Mantello, que consegue, através da iluminação e enquadramentos, articular as emoções daqueles homens em cena.

O final é triste, o meio conturbado, desde o início. Tudo parece tão real, tão apontado pelo dedo de uma sociedade que permanece preconceituosa, escondendo de si mesma que os homossexuais hoje se casam, adotam filhos e são brilhantes.

*The Boys in the Band* está de volta, trazendo a realidade do mundo que dá muitas voltas. Vale a pena ver de novo.

### Kapetadas

1 - Uma coisa que o Brasil se especializou e está um craque – delação premiada de serpentes.

2 - Um cigano leu minha mão e disse que o mundo acabou em 2012 e que nós somos aqueles que não subiram.

3 - Som na Caixa: “Sim, amor discreto pra uma só pessoa”, de Johnny Alf.

## Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

# Passeio virtual por Paris de luzes e encantamento

Paris sempre me foi o mais legítimo dos cinemas. Vivendo com meu pai dessa arte havia anos, ainda jovem busquei empoderamento cinematográfico no *Cahiers du Cinéma*, revista editada na França a partir dos anos 1950, tendo como um dos idealizadores o crítico André Bazin. Justamente, quando eu já cursava a Aliança Francesa, nos tempos de Jacques Ramondot na presidência, lá no Parque da Lagoa.

Este prólogo é simplesmente para justificar o meu apreço pelo que o cinema tem de mais belo, que são as imagens; a sua cenografia. E Paris nos contempla com uma gama encantadora delas, mesmo nos tempos de hoje. Não importando muito em que trama a obra cinematográfica possa se apoiar; o cenário será sempre o da "Cidade-Luz!" – encantador e cheio de histórias...

Lançada no início deste mês pela Netflix, a minissérie americana em dez capítulos *Emily em Paris* é um colírio aos olhos de apaixonados pela cidade, como sempre fui. E pendengas à parte, se é uma comédia romântica, se trata de tema açucarado ou não, se cheia de clichês, trejeitos franceses pirraçados muitas vezes sob preconceito, inclusive pelos deslumbrados do Tio Sam, o fato é que *Emily* nos encanta. Justo hoje, quando continuamos exaustos de tanta pirotecnia grotesca, de previsões sociais e virtualmente "futurísticas".

*Emily em Paris* me lembra um outro exemplar que assisti há algum tempo, de mesmo naipe, *French Toast*, lançado em 2015, sobre uma jovem que vive com o pai nos vinhedos próximos à Cidade do Cabo, na África do Sul, e que viaja à Paris na busca do familiar que se perdeu no tempo. O filme também revê a cenografia parisiense, impondo uma certa magia visual do próprio cinema.

Nessa narrativa de uma visita à Paris, recordo de algo que já iniciei há



Produtor Alexandre Menezes em frente da Torre Eiffel, uma das locações parisienses de 'A Suspeição'

alguns anos atrás (mas, continua inconcluso), o audiovisual *A Suspeição* (*Le Soupçon*). É a história de uma jovem escritora e fotógrafa paraibana, que vai pela primeira vez à Paris para concluir um estudo sobre a cidade de seus encantos, para o livro que está escrevendo. Durante sua permanência na cidade, depara-se com algumas situações inusitadas, sobretudo em Montmartre, na Basílica de Sacré Coeur. Mas é mesmo na Livraria Shakespeare, às margens do Sena, que se confirma sua real "desconfiança", sobre alguém que lhe segue os passos, e só vindo a saber o porquê no final da sua viagem. Independente do clichê temático, o que importa mesmo é a exuberante cenografia de Paris. E nosso alvitre se concentra nisso, a partir do encantamento visual da protagonista sobre a cidade do seu maior encanto.

Vendo agora *Emily em Paris*, as avenidas, ruas e vielas, ainda seus marcos tão simbólicos, como a Ponte Alexandre III, o largo do Trocadero, Notre Dame, Torre Eiffel, também Versailles, revejo lugares que serviram de locações em algumas gravações que realizamos. Lembro, ainda, da estreita Rue Saint Didier e seu hotel onde ficamos hospedados com toda a equipe. Mas, aí é uma outra história...

Em tempos de clausura forçada (leia-se: covid-19), o melhor mesmo é arejar a mente com meros *streamings*, sem maiores preocupações de síntese reflexiva, se o que assistimos é ou não uma obra de arte. "O cinema ainda é a maior diversão", expressão que se notabilizou em tempos não muito idos. Vejam *Emily* e se apaixonem! Também, por uma Paris de muitos e cobichados sonhos; mesmo que de longe e com o uso de máscara... – Mais "coisas de cinema" em nosso blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).

Foto: Divulgação

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho  
hildebertobarbosa@bol.com.br

## A reforma

Engraçado: para mim é tempo de reforma!

Entre outras coisas, a pandemia do covid 19 parece nos convidar para uma reforma. Reforma interior, existencial, moral e psicológica. Toda epidemia é tragédia. Quero crer que toda tragédia possui um lado bom.

O trágico exige reciclagem de suas vítimas e de seus heróis, assim como uma caprichosa lição de anatomia por dentro da alma. Sou dos que pensam que nada acontece por acaso. O acaso nada mais é que uma inominável surpresa da necessidade.

De repente, percebemos o quanto somos pequenos e precários, tolos e fúteis, mesquinhos e egoístas, desencontrados do autêntico sentido (leia-se o significado e a direção) de nossas vidas miúdas, maléficas, maledicentes.

Sim, mas falava de reforma. Com certeza é tempo de reforma!

Estou em plena reforma das coisas, dos sentimentos, dos valores e dos saberes. Começo pela reforma da casa, que me faz mudar o teto e abrir outras janelas para o mundo, inaugurando, se possível, um pequeno templo para a horta, o jardim e os pássaros. Também proponho um melhor acabamento para o altar onde as pedras murmuram, em sacramento, silenciosas orações.

Sem estes itens da natureza animal, vegetal e mineral, a casa é casa vazia, casa despreparada para os temperos alegres da vida. Casa só é casa quando é lar. Lar de laços, de sangue, de afetos.

Mas, quando se reforma a casa, na sua condição de abrigo exterior, material e tangível, também se reforma, ou dever-se-ia reformar, o teto, as paredes, as salas e os quartos interiores como num jogo de espelhos de realidades diferentes, porém, que se complementam na esfera dos compartimentos existenciais. Sempre que fazemos uma reforma aprendemos que há uma secreta ligação entre o dentro e o fora, entre o que é e o que poderia ser.

Lembra-me, agora, uma outra reforma.

Enquanto os pedreiros sentavam cerâmica na sala, o poeta Lúcio Lins, que cultivava o hábito singular de me visitar todos os dias, como que assentava palavras no quadrante do verso, construindo o poema com a precisão e a espontaneidade dos iluminados. Fazer poemas não seria reformar a linguagem?

A bem dizer, o poema é como a casa. A casa é como o poema. Vez em quando carece de reforma. Tudo carece de reforma. O corpo, a alma, o amor, principalmente o amor que não transige e é entrega e é perdão.

Pois bem, é preciso reformar!

Reformar o que somos e o que temos. Em hipótese nenhuma devemos estancar o fluxo das mudanças no tapume da mesmice. A imobilidade é também um tipo de doença. O imperativo é reformar. Reformar o ponto de vista, o ângulo de visão, a atitude, o comportamento, enfim, as possibilidades do ser.

Diz *I Ching*: *O livro das mutações*, numa de suas passagens emblemáticas: "Se a pessoa não se renova, se está sempre com as mesmas coisas, é como um poço seco no qual ninguém vai beber. As mudanças são necessárias". E sem reforma, não se fazem mudanças.

A vida mesma nada mais é do que uma permanente reforma.

Colunista colaborador



## APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) – Cadeira 34, Patrono: Cilaio Ribeiro (Ocupante Luiz Carlos Vasconcelos). Principal atividade artística de Cilaio foi a de ventríloquo. Durante mais de meio século, uma das atrações principais da Festa das Neves. Eram as apresentações de Cilaio Ribeiro e seus bonecos. O mais conhecido era o boneco Benedito, que arrancava gargalhadas das crianças e também dos adultos. Manteve por muitos anos o programa Vovô, conte uma história, na Rádio Tabajara. Atuou em várias peças de teatro. No cinema, participou de dois filmes de longa-metragem: *Menino de Engenho*, em 1965, e *O Salário da Morte*, em 1970. Paraibano de João Pessoa, nasceu em 04/12/1902 e morreu nesta mesma cidade, na segunda metade do século 20.

## 'Mês das Crianças'

# Programação da Funesc começa hoje

Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) abre, neste domingo, a programação virtual em comemoração ao Mês da Criança. Depois de oito edições do 'Espaço da Criança', este ano a dinâmica será diferente.

Em vez de um dia só, será um mês de atrações, começando hoje, com contação de histórias e estreia do programa *Circonnectando*. Ao longo do mês, serão oferecidas mais de 20 atividades, em diversas áreas. As atividades se concentrarão no canal da Funesc no Youtube (/funescpbgov).

Estará disponibilizado no canal o vídeo *Divertimusicalizando: histórias e brincadeiras musicais com a Tia Naná Vianna*, no qual a artista propõe diversão com histórias cantadas, dança e uma série de brincadeiras.

Já *Circonnectando* terá apresentação do Palhaço Suvelão, personagem criado e vivido por Daniel Nóbrega, professor da Escola de Circo Djalma Buranhêm. Ele entrevistará Josemberg Pereira, artista circense e gerente operacional de circo da Funesc. É o primeiro de um total de quatro programas.

Amanhã, a apresentação fica por conta dos artistas circenses Josemberg Pereira e Daniel Nóbrega, a partir das



'Circonnectando' terá apresentação do Palhaço Suvelão, personagem criado por Daniel Nóbrega

10h. A primeira atração será a exibição de um concerto da Orquestra Infantil. Em seguida, o Coro Infantil entra em cena. A festa segue com uma contação de histórias musicadas comandada pela equipe da Escola Estadual de Música Anthoner Navarro (EEMAN).

Haverá também apresentações de poesia de rua feita por crianças, cultura popular, dança, contação de histórias, palhaçaria, além de participação do grupo Frente Trovadora e show com o músico Yan.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no Youtube

## ★ Destaque

### Canal da Adufpb no Youtube promove o Dia das Crianças

Amanhã, o canal oficial da Adufpb (Sindicato dos Professores da UFPB) no Youtube terá uma programação especial para o Dia das Crianças, com historinhas, música, oficinas, brindes e muitas brincadeiras. A festa começa às 16h e será comandada pelo grupo Engenho Imaginário, com a colaboração de um grupo de crianças convidadas para interagir pela plataforma de videoconferência. Quem estiver apenas na plateia também vai poder conversar, dar opinião e brincar com os apresentadores, por meio do chat. Além disso, os organizadores tiveram a preocupação de garantir a inclusão das crianças surdas na festa, recorrendo ao apoio de um intérprete de Libras, que participará durante todo o programa no canal da associação ([www.youtube.com/Adufpb](http://www.youtube.com/Adufpb)).

# Confronto de paraibanos na Série D, hoje, em Cajazeiras

Atlético e Campinense se enfrentam às 16h, no Estádio Perpetão, pelo grupo 3 do Campeonato Brasileiro

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

Atlético de Cajazeiras e Campinense se enfrentam hoje, pela quinta rodada da Série D do Campeonato Brasileiro. Com ambos disputando uma das quatro vagas do Grupo 3 para a próxima fase da quarta divisão, os times chegam para a partida separados por apenas dois pontos com a Raposa ocupando a quinta colocação e o Atlético a lanterna da chave com três pontos somados até o momento. A partida entre os representantes paraibanos na competição será às 16h de hoje, no Estádio Perpetão, em pleno Alto Sertão da Paraíba.

Vindo de sua primeira vitória na competição na rodada passada, o Atlético chega para o confronto contra o Campinense após ter tido uma semana mais tranquila, diferente de seus primeiros três jogos na Série D quando perdeu todos. Agora, a expectativa do clube é conseguir engatar uma boa sequência para que o time possa brigar por uma classificação. Caso vença o jogo e dependendo dos demais

resultados da competição, o "Trovão Azul" pode até chegar no G4 da quarta divisão, pois o último do grupo de classificação é o América de Natal, que soma os mesmos cinco pontos que a Raposa.

"Chegamos mais leves para esse confronto após a primeira vitória. Sabemos da qualidade do Campinense, mas estamos muito confiantes na capacidade do nosso time, especialmente agora com a retomada da confiança no grupo. Acredito que teremos um ótimo jogo de futebol e todas as condições para sair com um bom resultado dessa partida", afirmou Ederson Araújo, treinador do Atlético.

Do lado do Campinense, time que começou bem o campeonato, mas só somou um ponto nas últimas duas partidas, a disputa contra um adversário conhecido pode ser a oportunidade para que a equipe se recupere na disputa. Com 5 pontos somados, em caso de vitória e uma combinação de resultado, a Raposa pode até chegar na liderança da chave, por outro lado, uma nova derrota pode colocar o time de Campina Grande na lanterna da chave.



Jogadores do Atlético durante os treinamentos da semana de preparação para enfrentar neste domingo o Campinense, em casa

Foto: Instagram/Atlético

## Treze faz nova partida contra o Imperatriz

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

Demorou, mas as vitórias chegaram para o Treze na Série C deste ano e elas vieram de forma consecutiva contra o Botafogo e diante do Imperatriz – jogo atrasado da primeira rodada - onde o Galo, além de vencer, dominou as ações e goleou por 4 a 1. Agora o time se prepara para mais um embate contra o time maranhense, lanterna da disputa com apenas um ponto somado em oito partidas. É contra esse adversário enfraquecido que o Alvinegro jogará logo mais, fora de casa, às 18h, no Estádio Frei Epifânio, em busca de um terceiro triunfo seguido.

Com os resultados das duas últimas rodadas, o time de Campina Grande encerrou o primeiro turno da fase de

grupos na sétima colocação, fora da zona de rebaixamento, que atormentou o clube ao longo das oito rodadas. Começando a arrancada contra o Botafogo e tendo esse segundo confronto seguido contra o virtualmente rebaixado Imperatriz, o Treze pode engatar uma série de vitórias capaz de alçar a equipe de volta ao sonho do acesso.

Contudo, ainda é cedo para pensar no andar de cima do grupo A da Série C, especialmente pelo fato de que as vitórias obtidas pelo Treze até aqui foram justamente contra os dois times que hoje estão na zona de rebaixamento. Além disso, o Galo segue mais próximo do Z2 do que do G4. O técnico Márcio Fernandes tem pedido concentração ao grupo.

"Nós tivemos duas vitórias importantes e agora é



Jogadores do Treze comemoram mais um gol na goleada de 4 a 1 sobre o Imperatriz na quinta-feira passada

Foto: Instagram/Treze

hora de irmos em busca dessa terceira contra o Imperatriz, fora de casa. Isso ocorrendo, seguiremos em busca de um equilíbrio na pontuação que possa nos permitir pensar em algo mais no campeon-

to, no entanto, a realidade é que ainda estamos muito longe disso e o foco agora é sair dessa parte de baixo da tabela para que fiquemos distantes da zona de rebaixamento", afirmou o treinador do Treze.

Já o Imperatriz vive situação dramática e certamente vai jogar o retorno para cumprir tabela, embora matematicamente a equipe ainda não esteja rebaixada para a Série D do Campeonato Brasileiro.

### JOGOS DE HOJE

- **Série A**
- 11h
- Fluminense x Bahia
- 16h
- Santos x Grêmio
- 18h15
- Sport x Botafogo
- Atlético-GO x Bragantino
- 20h30
- Internacional x Atlético-PR
- Ceará x Corinthians
- **Série B**
- 16h
- Oeste x Cruzeiro
- 18h
- Sampaio Corrêa x Botafogo-SP
- **Série C**
- 15h30
- Ypiranga-RS x Brusque
- 18h
- Imperatriz x Treze
- Santa Cruz x Paysandu
- 20h
- Criciúma x Londrina
- **Série D**
- 15h
- Bragantino-PA x Independente-PA
- Central x Vitória da Conquista
- 15h30
- Juventude Samas x Moto Club
- Guarany de Sobral x Floresta
- Potiguar-RN x ABC
- Nacional-PR x Bangu
- 15h45
- Altos x River-PI
- 16h
- Sinop x São Raimundo-RR
- Atlético-PB x Campinense
- Afogados x Salgueiro
- Itabaiana x Freipaulistano
- FC Cascavel x Toledo
- Tubarão x Marcílio Dias
- 19h
- Rio Branco-AC x Vilhense
- Mirassol x Ferroviária

## Domingo decisivo na política do Botafogo

**Ivo Marques**  
ivo\_esportes@gmail.com

Hoje é um dia de muita apreensão para os torcedores do Botafogo. O clube fará as eleições para a escolha dos 50 conselheiros para o biênio 2020 a 2022. A votação começa às 8 horas da manhã no CT da Maravilha do Contorno e vai até as 12h. Votarão os sócios contribuintes em dia e os atuais membros do conselho deliberativo atual, o que dá um total de cerca de 130 votantes. Logo após a escolha dos conselheiros, os eleitos vão escolher o presidente e a diretoria do CD. O futuro dos próximos dois anos do clube começa a

ser decidido. A votação para a presidência e vice-presidência executiva será no próximo dia 25 e os eleitores serão os conselheiros escolhidos neste domingo. Duas chapas concorrem as eleições do Belo. A da situação, denominada "Belo Para todos", tem como candidato à presidência o atual presidente, Orlando Soares, já a chapa de oposição, denominada "Belo de verdade", é encabeçada pelo ex-diretor jurídico do clube, Alexandre Cavalcanti.

Durante toda a semana, houve muita discussão em torcedores, os eleitos vão escolher o presidente e a diretoria do CD. O futuro dos próximos dois anos do clube começa a

ser decidido. A votação para a presidência e vice-presidência executiva será no próximo dia 25 e os eleitores serão os conselheiros escolhidos neste domingo. Duas chapas concorrem as eleições do Belo. A da situação, denominada "Belo Para todos", tem como candidato à presidência o atual presidente, Orlando Soares, já a chapa de oposição, denominada "Belo de verdade", é encabeçada pelo ex-diretor jurídico do clube, Alexandre Cavalcanti.

Durante toda a semana, houve muita discussão em torcedores, os eleitos vão escolher o presidente e a diretoria do CD. O futuro dos próximos dois anos do clube começa a

Raimundo tem razão quando diz que as eleições atuais do Botafogo ganhou um clima político inimaginável, até o começo de 2019, quando ficou claro o rompimento do grupo que estava unido desde 2013, ano em que o clube conquistou o Brasileiro da Série D, e piorou quando a Justiça Comum e a Justiça Desportiva afastaram o presidente e vários integrantes da diretoria do clube, durante investigação de denúncias de manipulação de resultados na Operação Cartola. Como uma parte dos dirigentes foi banida do futebol pelo STJD, Sérgio Meira, que era diretor financeiro, acabou sendo eleito para a presidência.

Com a queda de algumas cautelares, através de liminar na Justiça Comum, alguns ex-dirigentes resolveram continuar participando do dia a dia do clube com sugestões e críticas, o que acabou não sendo aceito pela diretoria atual. A partir daí, houve um rompimento e começou a surgir denúncias de desvios de dinheiro, além de críticas a atual direção, que acabou perdendo o Estadual deste ano, ficando de fora da Copa do Brasil de 2021, principal fonte de renda do clube, e faz atualmente uma péssima campanha na Série C, correndo risco de rebaixamento. O clima é de hostilidade e tudo pode acontecer hoje na Maravilha do Contorno.

# Semiárido

## ameaçado pelo desmatamento

**Alexandra Tavares**

lekajp@hotmail.com

O Semiárido brasileiro é considerado uma das maiores áreas semiáridas do mundo, cobrindo um território de 1,13 milhão de km<sup>2</sup>, o que equivale ao somatório da área da Noruega, Suécia e Finlândia. A região, onde podem ser encontrados os biomas do Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica, tem importância ímpar para o meio ambiente, no entanto, não está livre de degradação. Um estudo realizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) aponta que o Semiárido brasileiro perdeu 26,96% de cobertura vegetal em 18 anos. A área desmatada, de 60.769,39 km<sup>2</sup>, é maior do que a do Estado da Paraíba, que tem 56.585 km<sup>2</sup>.

A região abriga várias espécies da fauna e da flora brasileira e abrange os estados do Nordeste e 13,5% do Sudeste, especificamente parte de Minas Gerais. Durante a pesquisa intitulada "Análise das mudanças e tendências da cobertura florestal na região semiárida brasileira entre 2000 e 2018", não foi incluída a análise sobre o que provocou o desmatamento, mas teve o objetivo de identificar onde, quando e de quanto foi o desflorestamento. Para isso, foram usadas imagens de satélite de alta resolução e computação de nuvem.

"Entretanto, historicamente sabemos que o desmatamento no Nordeste está ligado à produção de carvão, utilização das terras na agropecuária e à mineração excessiva. Podemos citar também a salinização provocada pela utilização de técnicas equivocadas de irrigação do solo, embora, no nosso estudo, focamos árvores maiores que 5 metros. É importante lembrar também que a irregularidade pluviométrica contribui para a fragilidade da vegetação da região", afirmou o coordenador da pesquisa, professor Celso Augusto Guimarães Santos, do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da UFPB.

O estudo mostra que no ano 2000, a região Semiárida do país tinha uma cobertura florestal de 225.412,80 km<sup>2</sup> e, no período de análise, o desflorestamento intenso foi detectado em 2016. O bioma mais atingido foi o Cerrado, que perdeu 24.376,04 km<sup>2</sup> de cobertura florestal, o que corresponde a 37,16% de sua área.

O mestrando Thiago Nascimento, que colaborou com a pesquisa, afirmou que o Cerrado é considerado um "hotspot global", ou seja, uma região biogeográfica com níveis significativos de biodiversidade que está ameaçada pela habitação humana. Esse bioma possui uma grande variedade de espécies endêmicas, como o beija-flor-de-gravata-verde (*Augastesscutatus*), a rolinha-do-planalto (*Columbina Cyanopsis*) e o morceguinho-do-cerrado (*Lonchophylla Dekeyseri*). Entre as plantas endêmicas destacam-se o buriti (*Mauritia flexuosa*); o pau-papel (*Tibouchinapapyrus*); e a canela-de-ema (*Velloziasquamata*).

O geógrafo Richarde Marques da Silva, doutor em Engenharia Civil na área de Recursos Hídricos e Tecnologia Ambiental pela UFPB, também participou do estudo. Segundo ele, as potencialidades do Semiárido brasileiro são enormes devido a sua biodiversidade, pois apresenta vasto potencial de minerais, de fauna, de flora, e também turísticos. Ele destaca que a sociedade deve desmitificar o Semiárido como sendo uma região atrasada, e totalmente desprovida de recursos hídricos. "Temos verdadeiros bolsões hídricos em algumas porções, com precipitações anuais que se assemelham a zona litorânea".

Continua na página 14

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
caranha@yahoo.com | colaborador

## Na Estrada 66 quem me levará sou eu

Andei por muitas estradas neste país. A pé, em carro, ônibus, de carona num caminhão com restos de cimento e cal. Faltou-me andar em muitas outras, como a BR-3, que Antonio Adolfo e Tibério Gaspar transformaram em bela canção para a voz de Toni Tornado: "Há um sonho, viagem multicolorida, às vezes ponto de partida e às vezes porto de um talvez. E a gente corre na BR-3, e a gente morre na BR-3".

Para este domingo, levanto o polegar da mão direita e pego carona em mim para entrar na Estrada 66. Nela quem me levará sou eu. Sei onde ela começa. Não faço ideia onde terminará.

O tropicalismo completa 53 anos e posso olhar para trás, sem medo de virar estátua de sal. Brasileiramente continuo "beat", como alguns "hermanos" da América do Norte, pois também somos argentinos e cubanos (como foi Mauricio Macri, da Argentina, onde foi presidente até o ano passado, e o grupo Rolling Stones tocado em Havana).

"Beat", sim. A chamada "beat generation" apenas nasceu nos EUA, consolidada pelo livro "On the road" ("Pé na estrada"), de Jack Kerouac. Mundializou-se. A globa-



lização é muito antiga e não é uma questão meramente econômica. Então, sou "beat" e entro na Estrada 66 - ou Route 66 (nome da música que John Mayer canta no final de "Cars").

Herbert Huncke era um marginal homossexual que fazia ponto em New York, na Times Square. É um brevíssimo personagem de "On the road", sob o nome de Elmer Hassel. Foi de sua boca que Jack Kerouac ouviu pela primeira vez a palavra "beat" (nada teve a ver com Beatles). A Kerouac, Hassel disse que "beat" significava "exaltada exaustão".

Insatisfeito pela própria natureza, o autor de "On the road" começou a entender as múltiplas ressonâncias que a palavra "Beat" tinha, tem e terá simultâneos significados: "batida" (ritmo musical); "porrada" (como golpe em qualquer parte do corpo); "cadência do verso"; "furo" (no sentido jornalístico); "trajeto" ou "trilha"; "pilantra" ou "aproveitador". E as variações, como "heart beat" (pulsação) e "beated" (abatido ou exausto).

O que mais sei em torno disso, neste 11 de outubro, é que estou "beatin' the Route 66" (botando o pé na Estrada 66). Salve, salve, ave, viva, viva, a todos os que andaram, pararam e correram comigo.

A Estrada 66 para mim é um símbolo tirado da Route 66, com grande importância cultural, começando em Chicago, passando por Missouri, Kansas, Oklahoma, Texas, New Mexico, Arizona, e terminando na Califórnia.

Os dois jovens personagens do livro de Jack Kerouac atravessam literalmente todos os EUA a partir da Route 66. Nessa estrada foi filmado "Easy rider", que muito significa para mim quando comecei a rota da brasileira Estrada 66.

## Geléia geral



em parceria com Ruy Guerra (foto), compôs o excelente "Fado tropical", do qual transcrevo este trecho: "Oh, musa do meu fado, oh, minha mãe gentil, te deixo consternado no primeiro abril. Mas não sê tão ingrata! Não esquece quem te amou e em tua densa mata se perdeu e se

encontrou. Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal: ainda vai tornar-se um imenso Portugal!..."

■■■ Há dificuldades naturais encontradas na Paraíba que - assim como o Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas e Piauí - ainda não consolidou um mercado cultural, como na Bahia e em Pernambuco. Dificuldades que conheço bem, por ter sido gestor cultural no Município e no Estado.

■■■ No tempo em que era mais coerente e consequente, Chico Buarque,

■■■ Talvez o próximo Augusto das Letras seja realizado numa parceria entre a Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), a Academia Paraibana de Letras e o Centro Cultural Ariano Suassuna (do Tribunal de Contas do Estado).



▶▶▶ Continuação

# Consequências socioeconômicas

Aproximadamente 12% do território brasileiro são cobertos pelo Semiárido. A região abriga 24 milhões de pessoas, ou seja, 13% da população do país. Por isso, a degradação também tem impactos socioeconômicos, pois podem intensificar as secas já existentes na região, limitando o acesso a alimento e renda.

De acordo com o mesotro Thiago Nascimento, que participou do estudo da UFPB, a Caatinga é o maior bioma que forma a região Semiárida brasileira. A sua vegetação desempenha importante papel no controle de processos físicos. O desflorestamento, segundo ele, é responsável por mudanças climáticas, que atingem desde o regime pluviométrico, até a qualidade do solo. “Nesse sentido, ao tratar de uma região já tão assolada com secas, as consequências podem ser severas. É necessária uma ação dos órgãos tomadores de decisão de modo a proteger essa área”, salientou Thiago.

O desmatamento, segundo os pesquisadores, impacta nas mudanças climáticas, uma vez que as florestas protegem a biodiversidade e previnem a erosão do solo. Em áreas com ecossistemas

frágeis e vulneráveis, como é o caso do Semiárido, mudanças drásticas no clima podem ocorrer por causa da destruição da floresta, do uso indevido da cobertura vegetal e do solo.

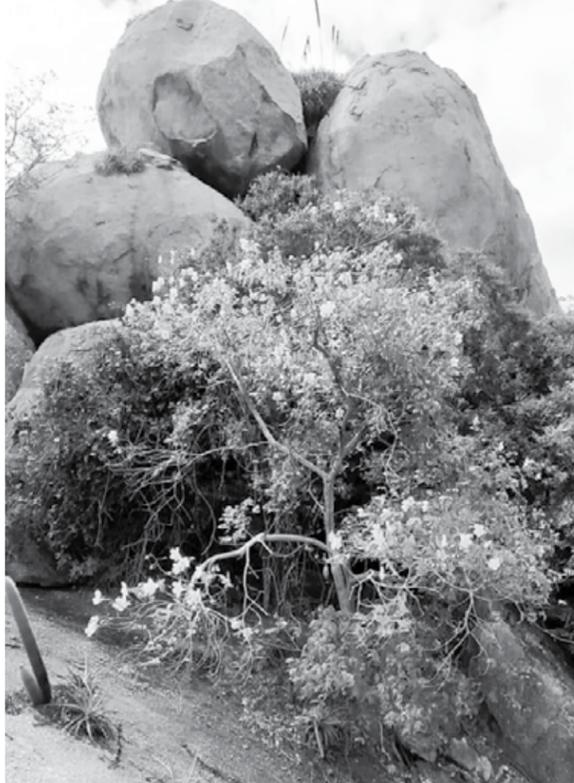
A população também tem um papel preponderante, tanto no combate quanto na preservação da fauna e da flora do Semiárido brasileiro. De acordo com o geógrafo Richarde Marques da Silva, doutor em Engenharia Civil na área de Recursos Hídricos e Tecnologia Ambiental, esse enfrentamento passa pela maior conscientização no uso dos recursos naturais da região, seja no emprego de práticas conservacionistas do solo, uso de água de cisternas, além da diminuição de queimadas que empobrecem o solo.

## Pesquisas

Richarde Marques afirma ainda que os esforços de institutos de pesquisas e das universidades podem contribuir para a melhoria nas regiões brasileiras. Os estudos podem desenvolver e avaliar metodologias para identificar mudanças abruptas na cobertura vegetal ao longo das décadas.

Os dados analisados podem ainda ser usados para

A degradação do meio ambiente intensifica a seca, especialmente na Caatinga, onde a vegetação desempenha importante papel no equilíbrio do clima



Fotos: Romildo Tcharles

nortear gestores em práticas sustentáveis, que contribuam para a preservação e melhoria da qualidade de vida em várias regiões do país. Mas segundo ele, infelizmente a diminuição de

verbas e corte de recursos para continuidade de monitoramentos e pesquisas voltadas para o combate ao desmatamento vem prejudicando esse trabalho no Brasil.

## Pesquisa alerta sobre impactos ambientais

Os pesquisadores afirmam que os resultados obtidos no estudo “Análise das mudanças e tendências da cobertura florestal na região Semiárida brasileira entre 2000 e 2018”, da UFPB, podem ser utilizados como um instrumento no planejamento para a formulação de políticas regionais de desenvolvimento econômico e sustentável para a região Nordeste.

O geógrafo Richarde Marques da Silva, doutor em Engenharia Civil na área de Recursos Hídricos e Tecnologia Ambiental, ex-

plica que outra finalidade é contribuir para as discussões sobre os impactos do desmatamento e incentivar o maior controle da preservação da biodiversidade da flora e da fauna no bioma Caatinga.

O estudo também serve de alerta para o emprego de políticas públicas que minimizem a degradação na região. “Reduzir o desmatamento é fator chave, e a principal ação para o combate ao desmatamento e as queimadas que vêm ocorrendo enormemente em outras partes do Brasil”, destacou Richarde.

## MMA vai elaborar plano

Para tentar conter o avanço da desertificação no país, o Ministério do Meio Ambiente (MMA), por meio da Comissão Nacional de Combate à Desertificação, está elaborando o Plano Nacional de Convivência com o Semiárido.

A comissão está sendo planejada conjuntamente com os ministérios da Integração e do Desenvolvimento Social, e busca promover ações de segurança energética, hídrica

e alimentar nas regiões que sofrem com a desertificação.

Segundo o MMA, projetos e parcerias com o Fundo Clima, além de parcerias com o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal e Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Fundbio), já vêm sendo implementados e contam com mais de R\$ 20 milhões em investimentos.

## Região abriga Mata Atlântica e Caatinga na PB

Dos dez estados que compõem o Semiárido brasileiro, nove estão no Nordeste, região mais afetada pela degradação, segundo a pesquisa “Análise das mudanças e tendências da cobertura florestal na região semiárida brasileira entre 2000 e 2018”, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O professor Celso Guimarães, coordenador do estudo, declarou que a Paraíba tem 51.340,5 quilômetros quadrados de área pertencentes à região Semiárida. Nos últimos anos, essa área foi desflorestada e, em termos proporcionais, a Paraíba ocupa a sexta posição no ranking de degradação entre os dez

estados que constituem o Semiárido do país.

O professor conta que o Semiárido paraibano corresponde a 4,54% do Semiárido do país. Nele, estão presentes os biomas Mata Atlântica (com 619,1 quilômetros quadrados de área) e Caatinga (com 50.721,4 quilômetros quadrados). A pesquisa apontou que no ano 2000, a região Semiárida do Estado englobava 72,63 quilômetros quadrados de Mata Atlântica com árvores maiores que cinco metros de altura, ou seja, com vegetação mais densa. Em 18 anos, a área caiu para 25,69 quilômetros quadrados, uma queda de 35,37% segundo Celso Guimarães.

Já em relação à Caatinga, existia uma área total de 6.108,34 quilômetros quadrados no ano 2000, com árvores maiores que cinco me-

tros de altura. Em 18 anos, esse número diminuiu para 1.555,98 quilômetros quadrados, que representa uma redução de 25,47%.

## Saiba mais

A Mata Atlântica, um dos biomas encontrados no Semiárido do Brasil, é considerada uma das regiões mais ricas do mundo em termos de biodiversidade. “É uma prioridade para a conservação da biodiversidade global”, destacou o mestrando Thiago Nascimento, que colaborou com a pesquisa da UFPB. Segundo ele, foi estimado que existem, aproximadamente, 20 mil espécies de plantas na Mata Atlântica - cerca de 35% das espécies existentes no Brasil -, incluindo várias espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, como o tamanduá-bandeira, a arara-azul e o lobo-guará. “Embora, apenas uma pequena parte desse bioma esteja dentro da região semiárida brasileira, é importantíssimo a sua conservação”.



## Toca do Leão

Fábio Mozart  
colaborador

# Sobre reminiscências e despedidas

Trabalhar na bagunça faz você raciocinar melhor. Essa constatação saiu na revista Super Interessante. Na verdade, trabalho em uma bagunça total. Se essa confusão for arrumada, perco o rumo. De vez em quando sou enxotado pela dona da casa, para arrumação do escritório. A limpeza alegria o coração das mulheres, mas carrega consigo a tristeza do desordenamento de nossas coisas que só nós sabemos onde estão, espalhadas em pastas de papel, gavetas, armários e baús insuspeitos. A arrumação invasora de nossos domínios descentraliza nossas fontes, espalha as referências, desmembra coisas tão díspares no mundo real, mas que formam uma série lógica no nosso universo pessoal.

Nesta noite insone, ando mexendo nas velhas pastas e caixas de documentos antigos. No ângulo do quarto que me serve de escritório, o belo e antigo rádio a válvula “Trans Montreal” ao lado de pequenas caixas misteriosas onde guardei um dia fotos, documentos, receitas, cartas, recibos, recortes de jornais. Acho que a gente guarda essas coisas com o mesmo sentimento: a tentativa de segurar o tempo e construir com es-

ses anacrônicos papéis a trajetória de uma vida, perpetuar-se pelo menos nos nossos inesgotáveis arquivos. Todo mundo quer ser imortal. Quem pode e tem cacife, faz como Sarney, constrói seus memoriais no afã de ser lembrado até a consumação dos séculos. Eu guardo meus papéis com medo que a fugacidade da vida e o sentido de higiene da dona da casa volatilizem esses documentos tão desimportantes, mas essenciais no meu estilo de vida tão desorganizado no meio dessa matalotagem de velharias.

Meus sucessivos “eus” estão todos aqui, nos meus arquivos. É só abrir uma pasta coberta de pó, de onde saem bichinhos sociais e devoradores de papel. Em meio às traças e cupins, estão lá as fotos de minhas peças teatrais, meus times de futebol, crachás do meu tempo de operário, certidão de óbito do meu tio Luiz Mello, carteira de trabalho, contratos, convite para a formatura da dona da casa em 1978 no Colégio Nossa Senhora da Conceição, justificativa eleitoral nas inúmeras eleições às quais faltei, ato de punição disciplinar por contestar os chefetes na estrada de ferro, certidões de nascimento de

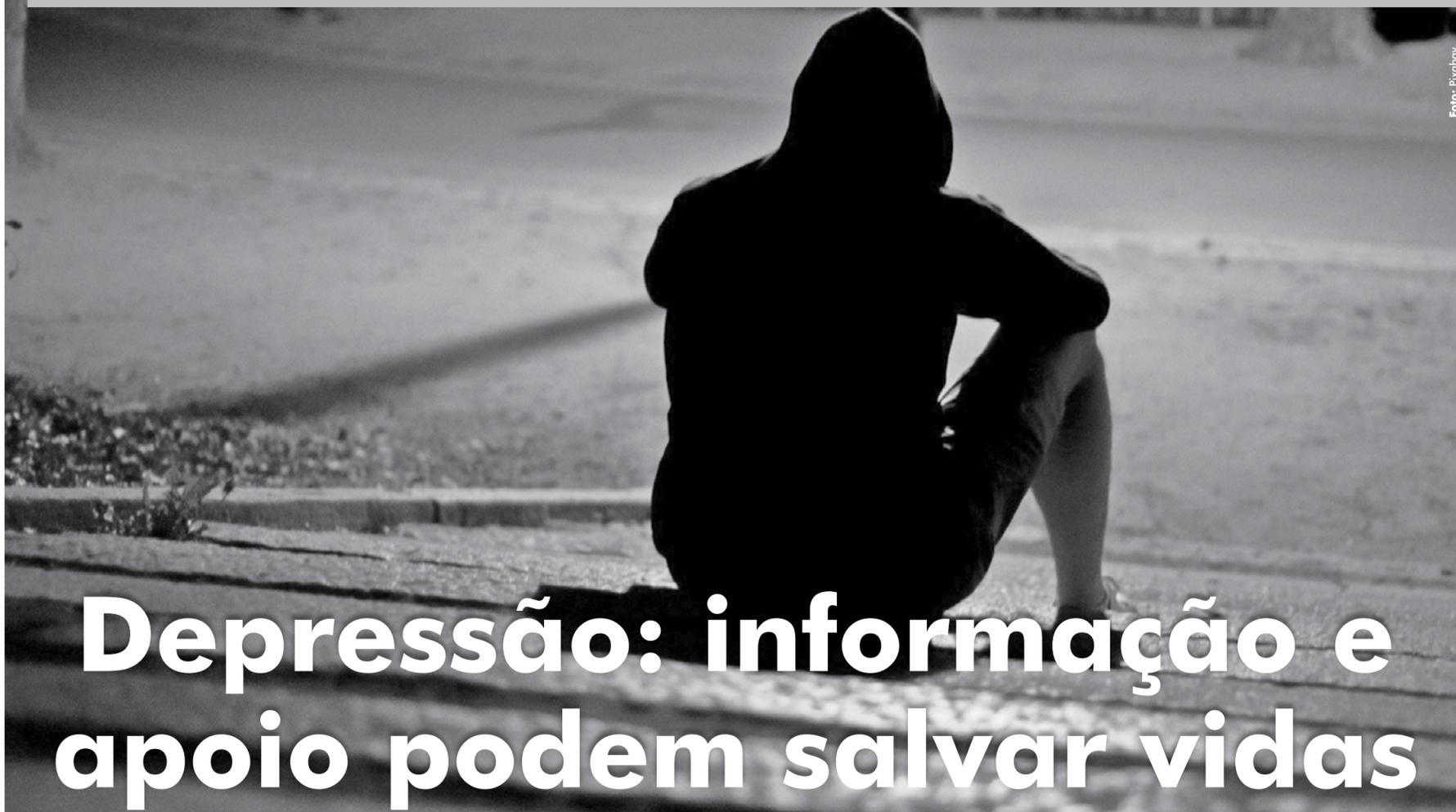
alguns rapazes da dinastia Mozart, contas atrasadas e jamais quitadas e correspondências diversificadas. Um documento chama a atenção pela coincidência: no dia 10 de outubro de 1987, a Rede Ferroviária Federal me removia da estação de Itabaiana para Mari. Portanto, hoje completam 33 anos que fui exilado em Mari, assumindo sua estação ferroviária onde me aposentei.

## Beto Palhano

O radialista Beto Palhano faleceu no dia 4 de outubro em João Pessoa, vítima de acidente com sua bicicleta na BR 230. Conheço Beto desde meus doze anos, somos da mesma idade. Fui vizinho dele em Itabaiana. Estudamos juntos. Depois, com uns quinze anos, começamos a frequentar casa suspeita e tomar “mé de tubiba”. Também principiamos a ler, estudar marxismo. Um professor nosso era trotskista, viramos crentes dessa seita política. Depois passamos a fazer teatro, fundamos um grupo amador, editamos um jornal falando mal da ditadura. Fui até preso. Palhano não foi enjaulado porque fugiu pra casa de um parente pros lados de

Nova Cruz, e isso até os vinte e cinco anos quando nos separamos. Ele foi morar no Recife, eu fiquei em Itabaiana, depois saí também. Quando cheguei em João Pessoa em 2000, ele estava aqui, habitando o conjunto ditador Ernesto Geisel. Nossa sina era essa: mexer com o status quo. Fundamos uma associação cultural e uma emissora comunitária, o Rádio Zumbi. Depois circulou o nosso jornal Olhos Abertos, com o companheiro Gilberto Bastos Júnior. Conheci Dalmo Oliveira e prosseguimos na brincadeira de fazer cultura, mexer com comunicação alternativa.

Palhano sempre com aquele jeito dele de ser, um cara positivo. É como diz meu compadre Ivaldo Gomes: “Era um militante do bem, um sujeito humilde, simples, que lutava pelo que acreditava, sempre na perspectiva do humanismo”. Pra mim foi uma alegria viver ao mesmo tempo em que viveu Beto Palhano. Ivaldo disse que vai sentir falta das tiradas, da sua verve, da ironia criativa do velho Cigano. “Vá na paz, espere por nós pra gente botar no ar uma rádio aí no céu e falar mal de São Pedro”, concluiu Ivaldo Gomes.



# Depressão: informação e apoio podem salvar vidas

Doença atinge mais de 300 milhões de pessoas no mundo e é a que mais incapacita pessoas ao longo dos anos

**Diego Kerber**  
Da Agência Estado

Depressão é um assunto mal compreendido, muitas vezes mal visto e é tratado como tabu em diversas situações. No entanto, a troca e a procura por informações é essencial para o combate a essa doença.

Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), esse distúrbio atinge mais de 300 milhões de pessoas em todo o mundo e, entre todas as doenças, não só as doenças mentais, é a que mais provoca incapacitação ao longo da vida. De acordo com o Ministério da Saúde, um estudo epidemiológico mostrou que a prevalência desse transtorno mental é de 15,5% no Brasil.

A depressão deve ser cuidada como qualquer outra doença e existem diversos tratamentos eficazes para combatê-la. Mas também é importante que parentes e pessoas próximas de alguém deprimido saibam como lidar

com a situação e como ajudar a pessoa. Saiba mais sobre o transtorno:

## O que é a depressão?

A depressão é uma doença psiquiátrica incapacitante caracterizada por um estado deprimido, de tristeza profunda que não parece ter fim. “A depressão é um estado de profundo desânimo, de tristeza, de abatimento, de lentificação psicomotora, de desamparo, de falta de perspectiva”, explica o médico José Manoel Bertolote, psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina de Botucatu.

Bertolote conta que o nome da doença vem justamente dos efeitos causados ao corpo, já que a pessoa deprimida tem menos energia, menos fome, menos sono, menor libido, entre outros sintomas. Na parte psicológica, é como se tudo à volta da pessoa começasse a perder o sentido. “É como se o indivíduo passasse de um filme colorido para um filme em preto e branco, as

coisas perdem a cor, a vivacidade, a comida perde o sabor”, completa.

A depressão tem até três estágios: o quadro leve, o quadro moderado e o quadro grave. Segundo André Brunoni, psiquiatra do Hospital das Clínicas e professor da Universidade de São Paulo (USP), o que muda em cada um dos estágios é a intensidade dos sintomas.

“O quadro leve é aquele que não tem tantos prejuízos no dia a dia. Seria aquela pessoa que consegue fazer as atividades dela, mas não faz tão bem, ou que às vezes não está dormindo bem, mas consegue manter um ritmo de sono”, explica ele. A incapacitação vai aumentando conforme o quadro piora. “No quadro grave, a pessoa não consegue trabalhar,

não consegue fazer as coisas. E é claro que quando falamos de ideação suicida, isso também está mais associado a um estágio mais grave”, pontua.

Essa doença também apresenta vários subtipos diferentes, como: a distímia, que é um quadro leve e crônico; a sazonal, que depende das estações do ano e é mais comum no outono e inverno; a

psicótica, um quadro grave que inclui delírios e alucinações; e transtorno bipolar, em que há uma alternância entre estados depressivos e estados de alta atividade e excitação.

Diferentemente do que o senso comum pode sugerir, a depressão não é apenas caracterizada pela tristeza profunda. Vários outros sintomas podem ser observados.

## QUAIS SÃO OS SINTOMAS?

- Humor deprimido (*tristeza profunda quase todos os dias*)
- Anedonia (*falta de prazer e perda de interesse em fazer qualquer atividade*)
- Sentimentos de culpa e baixa autoestima
- Agitação ou lentificação psicomotora
- Dificuldade de raciocínio e concentração
- Alteração do sono
- Alteração de apetite/fome e aumento ou diminuição de peso
- Pensamentos de morte em casos mais graves
- Um ponto importante a se ressaltar é que a ansiedade não é considerada um sintoma, mas sim uma comorbidade, como explica Brunoni. “Apesar de fortemente associada à depressão, a ansiedade é um transtorno próprio e independente.”



## Quando devo procurar ajuda profissional?

Se você está se sentindo triste o tempo todo e perdeu interesse de realizar atividades que você realizava antes ou não sente mais prazer em atividades antes prazerosas, o sinal de alerta deve ser acionado.

“Os dois sinais principais são a tristeza e a lentificação psicomotora. Em decorrência desses dois, em geral, existe um retraimento social ou um isolamento social”, afirma Bertolote. Se você sentir tristeza, desânimo, sensação de desvalia e perceber que isso está começando a afetar a sua produtividade e vida social, está na hora de procurar a ajuda de um profissional, seja psicólogo ou psiquiatra.

Caso não possa entrar em

contato com um profissional especializado, procure algum dos serviços de apoio emocional. O mais conhecido é o Centro de Valorização da Vida (CVV), que pode ser contatado pelo número 188. O centro mantém total sigilo e anonimato em qualquer dos canais em que atendem, seja telefone, seja chat na internet, seja e-mail.

### Como posso ajudar?

Ao falar com uma pessoa deprimida, deve-se tomar cuidado na hora de escolher as palavras e a forma de interagir. Fique atento aos sinais. Se a pessoa estiver menos ativa, menos concentrada, mais desinteressada e dificilmente abrir um sorriso, José Manoel Bertolote

recomenda que você pergunte como ela está e ouça o que ela tem a dizer.

“Quando você ouve a pessoa, ela também se ouve. Quando ela verbaliza o que está sentindo, ela se dá conta de que precisa de alguém”, afirma. “O que vemos nos nossos amigos e nos nossos familiares é a depressão chegando e, quanto mais cedo nós pudermos falar com essa pessoa, melhor vai ser a resposta.”

“Se ela não tem o diagnóstico de depressão, o ideal seria tentar compreender o que a pessoa está passando e incentivá-la a procurar uma terapia, seja médico ou psicólogo”, afirma André Brunoni. “Caso essa pessoa já tenha um diagnóstico,

é seguir as recomendações do psiquiatra ou do psicólogo.”

Brunoni alerta, porém, que é preciso tomar cuidado para não incentivar a pessoa deprimida a sair de casa, encontrar os amigos ou ir a uma festa. “Isso pode até fazer mal para ela, porque, se estivesse bem, sairia de casa, ela sabe disso.”

“Uma coisa fundamental é você não exigir do deprimido mais do que ele consegue fazer, porque, se exigir um pouco mais, você o afunda ainda mais. Então se ele consegue dar dois passos, maravilha! Você elogia e reforça que ele deu dois passos. Não diga que ele precisa dar quatro”, complementa Bertolote.

## QUAIS FATORES DE RISCO PODEM DESENCADENAR A DEPRESSÃO?

O Ministério da Saúde lista alguns fatores que podem aumentar a propensão ao desenvolvimento dessa doença. São eles:

- Histórico familiar e predisposição genética
- Transtornos psiquiátricos relacionados
- Estresse e ansiedade crônica
- Disfunções hormonais
- Dependência de álcool e drogas ilícitas
- Doenças cardiovasculares, endocrinológicas (*hormonais*), neurológicas, neoplasias (*tumores desencadeados pela multiplicação de células*), entre outras
- Traumas psicológicos



**CARTÓRIO 1º OFÍCIO DE INGÁ**  
Notas e Registros Gerais  
*Ana Gláucia B. Araújo de Alencar*  
OFICIAL DE NOTAS E REGISTRO

CARTÓRIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE INGÁ

**EDITAL DE LOTEAMENTO**

Ana Gláucia Garcia Araújo de Alencar, oficial do Cartório Imobiliário desta Comarca, de acordo com o que determina o Art. 19, § 3º, da Lei 6.766 de 19/12/1979, torna público para conhecimento geral, que foram depositados neste Cartório por **JOSÉ LEONIDAS DE OLIVEIRA**, brasileiro, autônomo, casado conforme Certidão de Casamento Termo nº 60913, lavrado no Registro Civil do Estado do Rio de Janeiro – 6ª Zona – Circunscrição do registro Civil de Pessoas Naturais e Tabelionato, às fls. 206, do Livro B-00167, datado de 24/03/2005, e sua esposa **VIVIANE DOS SANTOS ARAGÃO DE OLIVEIRA**, brasileira, autônoma, casada conforme Certidão de Casamento Termo nº 024.715.534-94, ela Portadora da Carteira de Identidade nº 129181822 CECC-RJ e CPF/MF nº 089.632.127-42, residentes e domiciliado na Rua: Josué Guedes Pereira, 88, casa, Bessa, João Pessoa – PB, memorial, planta, alvará e demais documentos exigidos por lei, referente ao “**LOTEAMENTO NOVA SERRA**”, localizado no município de Serra Redonda-PB, com área total de 44.436,00m², conforme Memorial descritivo assinado pelo Geotecnólogo Alysson Pereira de Lucena – CREA: 160955703-4, o qual foi loteada transformando-a em 08 (oito) quadras, identificadas por letras maiúsculas do alfabeto de “A” a “H”, as referidas quadras foram divididas em número válido de lotes os quais somam 93 (noventa e três), sendo um lote correspondente a área institucional. **QUADRO DEMONSTRATIVO:** Área verde (10,69%): 4.748,91m² / Área de lotes (62,65%): 27.844m² / Sistema viário (23,38%): 10.390,82m² / Área Institucional (3,28%): 1.455,38m² / Área total loteada (100,00%): 44.436,00m². (Passarão ao domínio do município, no ato do registro em Cartório, a área de equipamento comunitário e a área verde), referente a matrícula sob nº R-1-5.041 fls. 134 Livro 2 T Registro Geral, em data de 25/03/2019.

Foram apresentados planta e memorial descritivo, constando limites, medição, ângulos e demais especificações exigidas por lei. Portanto, todo aquele que se julgar com direitos sobre o imóvel loteado, ou tenha justas razões para oferecer-lhes impugnação, deverá fazê-lo neste Cartório, dentro do prazo de 15 (quinze) dias, contados da última publicação do presente no Diário Oficial do Estado, findo o qual não havendo reclamação ou impugnação será dito Loteamento registrado, para que por ele se realizem as vendas das quadras e lotes do terreno prometido à venda. Dado e passado nesta cidade e Cartório, aos 08 dias do mês de outubro, do ano de dois mil e vinte (08/10/2020).

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Ingá-PB, 08 de outubro de 2020.

*Ana Gláucia Garcia Araújo de Alencar*  
Oficial de Notas e Registros

CERTIDÃO PRODUZIDA EM SISTEMA DE INFORMAÇÃO AUTOMATIZADA. NOTIFICAÇÃO: ESCRITURA EM GERAL, TÍTULOS E DOCUMENTOS, REGISTRO DE IMÓVEIS E PESSOAS JURÍDICAS

(83) 3394-2395 / 99191-8862 / 99926-5501  
E-mail: cartorio1oficio@ingapb.com.br  
R. Pres. Getúlio Vargas, 75 Centro – Ingá-PB  
CEP: 58.380-000



# Área costeira da PB é incluída em plano de preservação

APA Naufrágio Queimado, que cobre as praias de João Pessoa e parte de Cabedelo, passa a ser território protegido

**Márcia Dementshuk**  
Especial para A União

Pela primeira vez na história, a Paraíba tem uma área costeira inserida em um Plano de Ação Nacional para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção; especificamente, no PAN Corais: Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Ambientes Coralíneos. A extensão corresponde à Área de Proteção Ambiental Naufrágio Queimado, regulamentada em dezembro de 2018. Cobre as praias urbanas de João Pessoa, capital da Paraíba, e parte de Cabedelo, município vizinho, onde estão as piscinas de corais preferidas pelos turistas e locais em alto mar frequentados pelos pescadores embarcados e mergulhadores, um total de 422,69 km<sup>2</sup>.

No Brasil 1.173 espécies são ameaçadas de extinção. Felizmente, 884 constam em 71 PANs. O primeiro PAN vigente é de 2004 e iniciou Mutum-do-sudeste - uma espécie de ave ameaçada da Mata Atlântica. O Plano de Ação Nacional para Conservação dos Ambientes Coralíneos (PAN Corais) é de 2016 e contempla 52 espécies ameaça-

das de extinção. Neste ano, a APA Naufrágio Queimado, na Paraíba, foi inserida como a 19ª área focal do PAN Corais.

## Conferência

Durante a 10ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica realizada em 2010, na Província de Aichi, Japão, 193 nações concordaram em conservar 10% das zonas costeiras até 2020. O Brasil só tinha 1,5% conservado e a Paraíba, até dezembro de 2018, 0,5% - referente ao Parque Estadual de Areia Vermelha.

Os trabalhos para ampliar oficialmente o território marinho protegido no Estado começaram em 2015. Qualquer iniciativa deste porte se desencadeia a partir de um estudo criterioso. O então secretário Executivo Estadual de Meio Ambiente, Fabiano Lucena, institucionalizou um grupo de trabalho para essa finalidade que, sem recursos, não avançou muito.

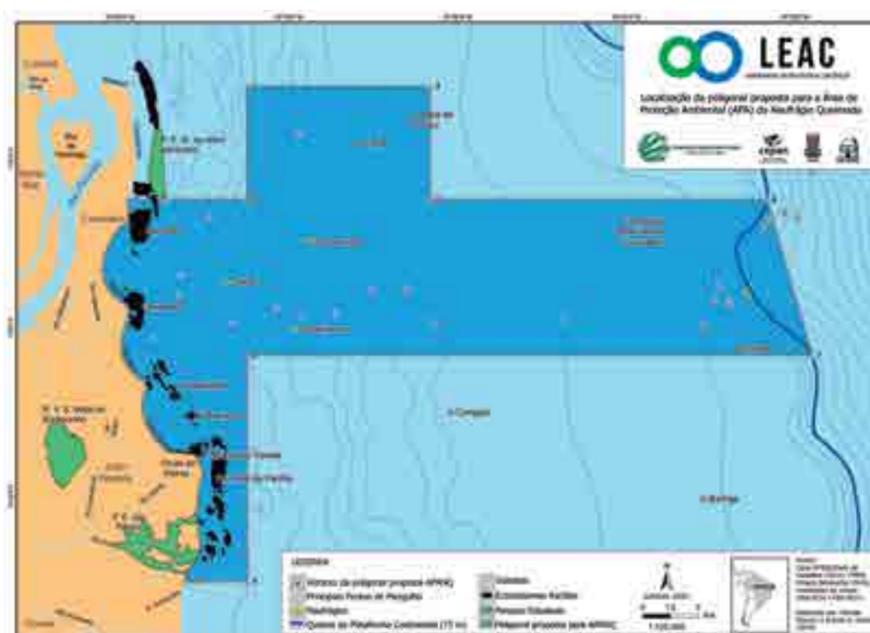
Por uma "coral-incidência", em fevereiro do ano seguinte os professores doutores Bráulio Santos, e Ricardo Rosas, do Centro de Ciências Exatas da Natureza da Universidade Federal da Paraíba,

conseguiram financiamento privado da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza para estudos para criação de unidades de proteção integral. O professor Ricardo Rosa, que hoje está aposentado, obteve pelo mesmo edital recurso para estudos com o tubarão lixa, espécie ameaçada que habita nos naufrágios na Paraíba.

Os esforços foram somados aos de outras instituições como o Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste, a Mar Aberto Mergulho, pesquisadores da UFPE, além da Gabribas Produções, que produziu o documentário "Unidades de Mar", em 2018.

Os pesquisadores "varreram" cerca de 1.800 quilômetros na área proposta para a proteção (422,69 km<sup>2</sup>) captando a presença das formações do fundo do mar com um ecobatímetro, que mede as distâncias a partir de ondas sonoras; e mapearam a região costeira de João Pessoa e Cabedelo: as piscinas de corais Barretas (Cabedelo), do Bessa, Teresinha, Picãozinho, Seixas e a Penha.

Foram registrados também quatro ambientes de recifes em águas profundas,



sendo que em um deles a surpresa foi total. "Encontramos indícios de que são paleocanais de um antigo curso do rio Paraíba em outra era geológica", revela Bráulio. O Complexo Recifal das Guaiubas, distante da costa, tem um vão idêntico ao leito formado por um rio e inicia a 32 metros de profundidade passando para quase 65 metros. "Levanta

a hipótese de que esse complexo recifal abrigou um antigo curso do Rio Paraíba, há milhares de anos, a partir da teoria de que o nível do mar já esteve 60 metros abaixo do nível atual", salienta Bráulio.

Na área delimitada para a área de proteção há ainda os naufrágios Alice, Alvarenga e Queimado - que dá o nome à APA. "O Queimado foi uma

embarcação estadunidense usada para transportar correspondências. Era de uma empresa que fabricou dois navios com a caldeira projetada em formato retangular, o que era único no mundo. Os dois afundaram, mas só há o parapeiro deste que temos aqui, que incendiou e naufragou em 2 de janeiro de 1873", conta Bráulio Santos.

## + Decisão foi articulada com pescadores e o setor turístico

Ao mesmo tempo em que o fundo do mar era mapeado, o grupo de trabalho para a implementação da área de proteção mantinha diálogos com as pessoas que tiram seu sustento do local: pescadores, o pessoal que oferece o serviço turístico com catamarãs e os turistas, praticantes de esportes aquáticos como surfistas, kitesurf, vela etc.

Houve um momento de tensão no início das tratativas pois, a princípio, quem trabalha diariamente no mar não compreendia o ponto de vista dos pesquisadores e vice-versa. O depoimento de Neto Londres, pescador submarino, esclarece a questão:

"Na verdade, quando se fala que o governo ou a universidade está fazendo alguma coisa, os pescadores já esperam ser afetados de alguma forma para pior; pois ninguém se importa com o

que acontece com o pescador. Há um distanciamento de entendimento acadêmico e do que é a pesca artesanal, como a que fazemos aqui. Mas no caso da APA foi diferente, teve um entendimento desde o início."

"Todas as associações de pescadores estiveram representadas nas reuniões, houve um diálogo. Nenhum dos dois lados teve todas as exigências atendidas, cada um cedeu um pouco e, no final, achamos um equilíbrio".

De acordo com Bráulio Santos, no início, o projeto financiado pela Fundação Boticário previa a formação de áreas protegidas integralmente. Mas no decorrer das tratativas com o Governo do Estado da Paraíba e levando-se em consideração as necessidades das comunidades que trabalham na região, era imprescindível encontrar um

meio termo. A maior exigência dos pesquisadores, acatada pelos pescadores, foi deixar os corais do Bessa integralmente protegidos, com a permissão de exploração turística de baixo impacto (sem embarcações motorizadas).

A APA Naufrágio Queimado, criada em 28 de dezembro de 2018 como Unidade de Conservação Estadual, "garante que filhos, netos e bisnetos tenham possibilidade de pescar, mergulhar e desenvolver atividades recreativas, educacionais e de pesquisa na costa de João Pessoa e Cabedelo. São inúmeros benefícios ambientais, sociais e econômicos para o Estado, tais como a geração de empregos diretos e indiretos na cadeia do turismo, a criação de fontes alternativas de renda para pescadores tradicionais e a conservação de ativos ambientais exclusivos, especialmente os ecos-

sistemas recifais, que concentram nossos recursos pesqueiros", complementa Bráulio Santos. Hoje, 10,7% da área marinha da Paraíba está protegida.

Neste ano, em 2020, a inserção do local no PAN Corais foi um coroaamento a todo este trabalho. "Olhando no mapa, havia uma lacuna em áreas protegidas, ficando de fora do Rio Grande do Norte até Pernambuco. Agora vemos que o trabalho terá seguimento", comemora Bráulio Santos.

O Plano de Manejo, que dará as diretrizes para o uso e a convivência na APA Naufrágio está em tramitação na Superintendência do Meio Ambiente da Paraíba. Segundo o Centro de Estudos Ambientais da Sudema, foi aberto Processo Administrativo. A gestora da Unidade de Conservação irá dar posse ao Conselho Gestor da Unidade ainda neste

mês de outubro e será formado, na reunião do Conselho, o Grupo de Trabalho para acompanhar o Plano junto à Sudema.

## Biodiversidade

Recifes de corais são os habitats com maior biodiversidade no planeta, são o abrigo de quase um quarto de todas as espécies do oceano, mas existem em menos de 1% dos oceanos. Contudo, oceanos estão mais quentes por causa do aquecimento global. De acordo com levantamentos feitos pelo Climate Reality Project, globalmente, de 1971 a 2010, os 75m superiores do oceano aqueceram em uma média de 0,11° C por década; 93% do calor extra retido pela poluição do aquecimento global vai para os oceanos, que estão absorvendo a maior parte da energia de calor retida pelo aumento de gases de



# A saga do cajueiro nordestino na costa paraibana

Fruto foi arrasado por uma praga nos anos 1960, mas ainda inspira obras artísticas, culinária e faz parte de nossa identidade

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

O cajueiro é mesmo uma árvore muito rica porque produz frutos em dose dupla. Dele vem o caju, com sua polpa carnuda utilizada no preparo de diversos pratos. E tem a castanha, o verdadeiro fruto, com amplo uso na culinária. A produção fortalece a economia e há ainda o uso medicinal, além dos benefícios à saúde. E o que dizer da simplicidade de tirar um caju do pé e degustar a polpa in natura? Seja na gastronomia, em forma de medicamento ou no comércio, o cajueiro é uma das poucas plantas frutíferas nativas do Nordeste e, por sua importância, foi eternizado no cinema, na música, nas artes plásticas e também na arquitetura.

“O cajueiro é uma planta nativa do Nordeste brasileiro, principalmente na costa das praias, desde o Maranhão até a Bahia. Essas regiões

são de transição entre Mata Atlântica e brejos de altitude, na linha de formação geológica em que encontram-se as áreas nordestinas. A planta se destaca na restinga, entre o mar e as cidades que estão à beira-mar”, observou o engenheiro agrônomo Anderson Fontes, diretor da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa.

Antes disso, porém, os portugueses que estiveram por aqui observaram que o cajueiro tinha muitos benefícios. Eles estudaram todas as espécies e como poderiam aproveitar a planta na área medicinal. Levaram para a Europa e descobriram que era “um prato feito”, literalmente, para o setor gastronômico. E, na saúde, mostrava forte potencial para desenvolver medicamentos, conforme explicou Fontes.

## Expansão imobiliária

Nos anos 1970, porém, quando havia grande

concentração, principalmente no município de Cabedelo, o cajueiro começou a ser dizimado para dar lugar à expansão imobiliária. Atualmente, o cultivo no Nordeste é mais tímido, mas existem cajueiros nas praias dos municípios de Cabedelo, João Pessoa, Conde, Alhandra, Lucena. Já para enfrentar a seca do Sertão, pesquisadores nordestinos desenvolveram espécies resistentes à estiagem, como o cajueiro-anão.

A relação do cajueiro com a economia nordestina é ampla, segundo o engenheiro agrônomo. O Ceará, por exemplo, é um dos maiores produtores do Brasil e do mundo, e há uma larga escala produtiva entre Fortaleza e Rio Grande do Norte. “Na Paraíba, é mais artesanal. Não temos uma forte produção de castanha, principalmente, no Litoral. No Estado, se destacam Santa Luzia, Juazeirinho e a região de transição entre a Serra de Santa Luzia e o Sertão”, acrescentou o especialista.

## Expulsos da região da restinga

Na Paraíba, nunca houve grandes cultivos de cajueiros, e os que existiam, especialmente às margens da BR-230, no município de Cabedelo, foram destruídos por volta de 1970, abrindo espaço para a expansão imobiliária. À época, as famílias que viviam da venda de caju e castanha torrada foram prejudicadas com a urbanização.

“O município de Cabedelo teve um destaque maior em relação a essa situação, quando as pessoas confundem com as queimadas dos cajueiros, mas não foi queimada. Foi o crescimento urbanístico do município que fez com que muitos cajueiros saíssem da área de restinga”, explicou Anderson Fontes.

Isso ocorreu, principalmente quando foi aberta a BR-230 – a Transamazônica – que começa em Cabedelo e prossegue no sentido de João Pessoa. “Se perderam muitas

árvores. Hoje, onde é Intermares, bairros adjacentes, teve muito isso. Em João Pessoa, mais para a região Norte, na Praia do Bessa, e Cabedelo, região Sul, desde Camboinha, Poço e Intermares”, esclareceu.

Na Paraíba, segundo Fontes, o cajueiro estava mais concentrado próximo às praias, principalmente em Cabedelo e João Pessoa, áreas onde ocorreu o “boom” de crescimento urbanístico entre os anos 70 e 80. “Nessas áreas, havia muito cajueiro. Para o crescimento e desenvolvimento dos municípios, foi criado o código de postura e o código de obras, na capital, em 1975, disciplinando as regras dos primeiros planos diretores. Os zoneamentos urbanísticos fizeram com que a maioria dessas árvores fosse suprimida para dar início ao crescimento da cidade”, acrescentou.

## Inspiração na arte e arquitetura

Planta nativa com forte identidade nordestina, o cajueiro também aparece em produções culturais como obras de arte, na música e até no cinema. De acordo com o artista plástico Fred Svendsen, um dos artistas que retrataram o cajueiro foi Hermano José, já falecido.

“Ele teve algumas obras com cajueiro, com vegetação, a fauna e a flora. Era ecologista e fez muitos trabalhos com a Ponta do Cabo Branco, área que tem muito cajueiro porque é uma vegetação nativa”, afirmou. Outro artista que também trabalhou muito com cajueiro é Alexandre Filho, um dos primeiros a introduzir o caju na sua pintura que segue o estilo naif e tropicalista, conforme destacou Svendsen.

Na música, o cantor e compositor Jackson do Pandeiro também “cantou” o cajueiro como identidade local na canção ‘Cajueiro’. “Tradicional cajueiro, dos meus avós traz a lembrança. Testemunha evocativa dos meus tempos de criança”, diz um trecho da canção.

Já no cinema, o filme ‘O Cajueiro Nordestino’, do cineasta pernambucano Linduarte Noronha, lançado em 1962, foi inspirado em uma tese de



Cajus esculpidos integram a fachada da Igreja de São Francisco desde o tempo colonial

Mauro Mota, jornalista e diretor executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, de Pernambuco. A tese fala sobre a importância do cajueiro para a cultura e identidade local, abordando aquela que é considerada a principal praga dos frutos do cajueiro, a Gelechiidae, que dizimou muitas dessas espécies por aqui em 1961.

### Barroco tropical

Além de ter sido importante em setores como a economia, a música e as artes, o cajueiro também está presente na arquitetura paraibana. Um exemplo são os cajus que ornamentam a fachada da Igreja de São Fran-

cisco, um indício de que no tempo colonial havia muitos cajueiros. A construção, cujo início data de 1588, faz parte do Centro Cultural São Francisco, localizado no Centro Histórico de João Pessoa.

“O conjunto arquitetônico é conhecido como barroco-brasileiro ou barroco-tropical que é decorado com frutas tropicais como, por exemplo, o caju, trazendo traços brasileiros e nordestinos, sendo a representação tropical da nossa região”, explicou a arquiteta Natália Vieira. No Brasil, segundo ela, a predominância desta arquitetura é muito forte, principalmente no Nordeste.



A castanha do caju é, tradicionalmente, consumida torrada, mas há outros usos culinários

### ANOTE

#### Usos na culinária

■ Tanto a polpa quanto a castanha do caju são usados em diversos pratos doces e salgados. Arroz com castanha, delicia de frango com castanha, paçoca de castanha, bolos, tortas, saladas são apenas alguns exemplos.

■ A castanha volumosa, na cor verde, é conhecida como maturi e faz parte da famosa frigideira de maturi com camarões secos, prato bastante conhecido na Bahia.

■ Com a castanha torrada, é feita uma farinha que, misturada à farinha de mandioca e adoçada, é vendida em pequenos cones de papel pelo Brasil.

■ Com o pseudofruto, rico em vitamina C, são feitos, principalmente, doces e sucos.

■ A fruta fresca serve de acompanhamento para quem gosta de tomar aguardente de cana, consolidando a degustação da cachaça com a fruta.

■ Para conseguir a carne do caju, a polpa é esmagada, o suco é retirado e a fibra de textura firme é aproveitada na construção de diversos pratos.

#### Benefícios medicinais

■ O caju fortalece o sistema imunológico, o sangue e os ossos.

■ A castanha protege o coração e interage com doenças cardiovasculares.

■ Alguns estudos sugerem que o cajueiro pode atuar na prevenção do câncer.

■ Há benefícios para pele e cabelos que ficam mais jovens e bonitos.

■ Castanha e caju fornecem energia para a prática de exercício físico.

■ As folhas são muito utilizadas no tratamento de diarreia e cólica.

■ Elas também ajudam a reduzir a pressão arterial e os níveis de açúcar no sangue.

■ O chá contribui para o equilíbrio do organismo.

■ Do cajueiro vem o cálcio, fósforo, potássio, ferro, zinco e as vitaminas A, B, C, D e K, essenciais para os ossos.

(Fonte: Anderson Fontes, engenheiro agrônomo)

#### ■ Você sabia?

\* **Pseudofruto** – fruta do cajueiro não é o caju e sim a castanha. A parte suculenta é um pseudofruto.

## Cecílio Batista

# O “Sherlock Holmes” do jornalismo paraibano

**Lucilene Meireles**  
lucileneleiteis@gmail.com

Para ser um bom repórter não basta escrever bem. É preciso ter faro, senso crítico, ir atrás, ser curioso, se aprofundar. Assim era o jornalista paraibano Cecílio Batista. Nascido no município de Itabaiana, especializou-se na reportagem policial e investigativa. Era quase um Sherlock Holmes, esclarecendo casos que nem a polícia conseguia solucionar. De quebra, tinha uma coluna no hoje extinto jornal O Norte, onde ganhou espaço com tiradas bem humoradas de um personagem que criou: o Zé da Silva, adorado pelos leitores. Criticava todo mundo e mais ainda os políticos. Acabou se tornando um. Foi prefeito da sua cidade e vereador no capital, mas desistiu do “ramo” ao não ser reeleito. Foi no jornalismo que sua trajetória se consolidou.

“Conheci Cecílio Batista mais de perto por volta de 1978, quando fui trabalhar em O Norte como editor da página do interior. Até então, conhecia a fama e o mito. Fama ele tinha muita. Como chargista e como repórter policial. O Zé da Silva, criado por ele, era a figura mais popular do jornal”, relatou o jornalista Tião Lucena. Os leitores, segundo ele, abriam O Norte primeiro para ver Zé da Silva, que não poupava ninguém nas suas críticas, e somente depois procuravam as notícias do dia.

O personagem Zé da Silva aparecia escorado em um poste no Ponto de Cem Réis, Centro de João Pessoa. Ele ironizava os problemas da cidade, os acontecimentos do dia envolvendo quem quer que fosse, desde o zé ninguém até o governador, deputados, padres, sacristãos, delegados, prefeitos.

O repórter policial Cecílio Batista fez história. “Ele não era só repórter. Era uma espécie de detetive. Era capaz de desvendar os crimes que a polícia não conseguia. Quando mataram Paulo Maia, na Praia de Cabedelo, foi ele, Cecílio, escalado por Marcone Góes para desvendar o que parte da polícia queria descobrir para beneficiar gravatudos envolvidos no crime. Sua fama o levou à política. Elegeu-se vereador por João Pessoa e fez um bom mandato. Não se reelegeu. Já no fim da vida, foi injustamente rifado da redação de O Norte. Primeiro lhe tiraram o Zé da Silva, depois o emprego”, recordou Tião. Jornalista honesto e ético, Cecílio Batista viveu a vida inteira numa modesta casa na Avenida Vasco da Gama, em Jaguaribe.

### “Furos” diários

O jornalista Cecílio Batista tinha uma particularidade: ele só ficava na redação o tempo necessário para escrever a matéria do dia, que era sempre exclusiva. “Poucas vezes ficava lá para redigir outra coisa que não fosse a notícia que ele trazia da rua e que era sempre uma boa notícia, um bom furo. Às vezes, ele vinha com um papelzinho no bolso da algebeira, pegava, escrevia a notícia e ia embora”, contou o jornalista Gonzaga Rodrigues.

Naquele tempo, segundo Gonzaga, o jornalista levava muito a sério o furo, sair com a notícia que o outro não dava. “Então, o nosso Cecílio Batista se caracterizou, sobretudo, por ser um fornecedor quase diário de furo. Ele só levava uma notícia, não eram duas, nem três, mas era sempre

uma boa notícia. Quer dizer, boa para nós que fazíamos o jornal, mas para quem estava do lado de fora não. Era sobre furto, roubo, corrupção. Era a especialidade dele”, afirmou.

Os jornalistas se conheceram nos anos 60, quando Cecílio Batista estava chegando de Itabaiana, onde já atuava no jornalismo, em um semanário. Funcionário do Fisco Estadual, foi transferido para João Pessoa e começou a frequentar o jornal O Norte, que era o de maior popularidade, maior tiragem e o mais requisitado. “Ele ia para lá, fez amizade com a gente e começou a colaborar com a redação, trabalhar”, recordou Gonzaga Rodrigues.

Com pouco recurso gráfico e sem desenhista, Cecílio e Gonzaga esboçaram uma figura num poste e foi essa imagem que se transformou depois no Zé da Silva. “Era um símbolo de uma figura popular que sempre tinha uma queixa. Era um carequinha encostado num poste do Ponto de Cem Réis com uma legenda reclamando de alguma coisa, a água que faltava, qualquer coisa”, acrescentou.

Segundo Gonzaga Rodrigues, Cecílio se tornou popular, foi presidente do sindicato da categoria na época da ditadura militar, por volta de 1964. “Ele não chegou a ser editor, diretor. Não queria ser outra coisa a não ser isso. Foi um grande repórter, um grande denunciador através do Zé da Silva, e isso significava muito mais do que ser diretor de jornal”, afirmou

Segundo Gonzaga Rodrigues, Cecílio se tornou popular, foi presidente do sindicato da categoria na época da ditadura militar, por volta de 1964

### Bom humor

Gonzaga lembrou ainda uma das marcas de seu colega no jornalismo, que era o bom humor: “Cecílio Batista tinha muito bom humor, gostava de apelidar as pessoas. Não me apelidou por uma certa amizade e respeito porque eu era secretário do jornal e, naquele tempo, secretário do jornal era uma autoridade muito séria, por mais gaiato que eu fosse. É essa a figura que tenho na lembrança de meu grande amigo José Cecílio Batista”, comentou.

O bom humor de Cecílio Batista, porém, sofreu um baque com a perda de sua esposa de forma trágica. De acordo com Gonzaga Rodrigues, um assaltante invadiu a casa onde a família do jornalista morava. Cecílio não estava. “O ladrão agrediu a esposa dele, uma senhora idosa, e ela morreu lutando, ele esfaqueando ela. Foi uma tragédia enorme para nós todos”, lamentou.

Além de bom repórter e bem humorado, Cecílio Batista foi ainda um modelo de profissional que para os iniciantes na profissão. O jornalista e poeta Fábio Mozart é um deles. “Cecílio Batista foi meu mestre. Trabalhei no jornal O Norte com dezoito anos de idade e muito aprendi com Cecílio, que era uma espécie de guru dos jornalistas de nossa geração”, disse.

Fábio também recorda um episódio que houve no interior, quando Cecílio chegou a sofrer uma surra porque era da oposição política ao prefeito. “Meu pai, jornalista Arnaud Costa, foi muito amigo de Cecílio Batista e correligionário em Itabaiana, terra natal de ambos. Cecílio saiu de Itabaiana nos anos 60. Nesta cidade, ele foi vereador; ativista político, jornalista combatente. Meu pai contava que um prefeito da cidade mandou dar uma surra em Cecílio Batista por causa de seus ataques no jornal de oposição. Ele foi embora. Não sei se tem ainda parentes por lá”, narrou o jornalista.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Em João Pessoa, o jornalista Cecílio Batista trabalhou nos já extintos jornais O Norte e Correio da Paraíba

## Repórter nato e criador do famoso personagem Zé da Silva

O jornalista Teócritio Leal também conviveu com Cecílio Batista que, conforme destacou, era um jornalista nato. “Eu era sub-secretário de redação de O Norte quando ele veio para o jornal. Era um bom repórter, tanto da área política como da policial. O jornal lhe entregou também a responsabilidade, dividida com os demais integrantes da redação, de fazer a frase do dia do personagem Zé da Silva, charge de grande ibope”, comentou.

Em 1973, Teócritio escolheu a dedo a equipe para integrar o quadro de jornalistas no novo jornal, mais moderno, contando com o sistema offset, e Cecílio Batista foi um dos integrantes. Na memória, Teócritio guarda a imagem de um profissional diligente e muito consciencioso nas suas matérias.

“Cecílio era uma pessoa simples e muito interessada pelos problemas do jornal. Sempre que podia, participava dos debates sobre as edições diárias. Ele tinha problemas de coração e manteve um acirrado entrevisto com o secretário de Finanças, Otacílio Silveira, que não queria aceitar seu pedido de aposentadoria por motivo de sua doença, mas a discussão com Otacílio era documental, jamais presencial”, afirmou.

De acordo com o informações passadas pelo jornalista Fábio Mozart, Cecílio foi contemporâneo, fez jornal e política com Arnaud Costa, Jurandy Barroso, Josué Dias de Oliveira (irmão de Sivuca), Hugo Saraiva, Sabiniano Maia, Lourdes Sousa, Socorro Costa, Abelardo Jurema e Osório Muniz.

Além do jornal O Norte, ele passou ainda pelo jornal Correio, quando este ainda funcionava na rua Barão do Triunfo, no bairro central do Varadouro. Cecílio morreu com mais de 70 anos em consequência do agravamento de seu quadro de saúde ligado aos problemas cardíacos.

As pessoas que o conheceram e forneceram depoimentos para esta matéria não souberam precisar a data exata do falecimento e nem no nascimento de Cecílio Batista. Até o encerramento desta edição, a reportagem também não conseguiu localizar os seus familiares.



Arte: Tonio

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

### Discurso autorreferencial como estratégia de agências de comunicação. Funciona?

Na minha bolha particular de jornalista, tenho observado que se tornou mais intensa a quantidade de postagens de agências de assessoria de comunicação sobre o próprio negócio. Com um diferencial: se antes o foco era no cliente, agora a mensagem está centrada em um discurso em que predomina a autorreferencialidade. Na prática, trata-se de uma estratégia de construção da “imagem de si”, para assegurar seu lugar ao sol no competitivo mercado da comunicação corporativa.

Assim, conceitos sobre gerenciamento de crise, imagem, reputação, relacionamento com a mídia e, digamos assim, o modus operandi de cada empresa têm ganhado mais e mais espaço. Tradicionalmente atuando em bastidores, as “assessorias” passaram a falar mais delas próprias, a fim de se tornarem (re) conhecidas, ou mesmo para tentar pagar as contas no fim do

mês, principalmente no contexto de crise econômica agravado pela pandemia de covid-19.

Dentre as práticas que tenho visto mais no Instagram (rede social que priorizo no momento), as principais são: postagens e stories sobre conceitos que, em tese, interessariam mais a jornalistas, relações-públicas, publicitários e que tais; cobertura de eventos de clientes; post enunciando marcas que integram a carta de clientes da agência; dicas de filmes, livros, podcasts sobre o universo da comunicação/marketing; registro de visitas presenciais ou reuniões on-line com assessores e parceiros diversos; enunciados sobre propósito da empresa; bastidores de produção e de coberturas de entrevistas da clientela.

A mudança de sentidos percebida na estratégia das assessorias de comunicação, de certo modo, trata-se de uma guinada empresarial com vistas a dire-



Foto: Mohamed Hassan/Pixabay

cionar os holofotes para o “saber-fazer” de cada empresa. É como se o foco no próprio umbigo, em sua própria realidade, abrisse novas janelas de oportunidades. É o eu-assessor (a) dizendo por meio de seus canais: Ei, olha aqui! Veja como eu domo essa área, como cuido bem dos interesses do meu cliente, como sei fazer e acontecer!

Ao optar por um discurso autorreferencial, o jornalista/relações-públicas muitas vezes também abre sua vida pessoal — e não apenas o cotidiano da própria empresa — para o olhar do outro. Partilha com o público momentos de lazer, revela intimidades relacionadas à saúde, expõe relacionamento afetivos. Faz uso de estratégias de influenciadores digitais

e porta-se como tal. Em alguns casos, percebo que se trata do estilo do profissional; outros, fico em dúvida se não seria apenas uma tática de marketing para buscar uma maior aproximação com potenciais clientes.

De modo geral, o fenômeno do discurso autorreferencial pelas agências de comunicação (facilitado pelas inovações tecnológicas, óbvio) busca reforçar ou construir uma imagem. Mesmo quando aparenta ser algo orgânico, envolve planejamento estratégico e é conduzido de modo a fazer com o que público perceba ali um referencial de qualidade, agilidade, modernização, personalização, eficiência, visão estratégica, ética, credibilidade.

Tal caminho me parece uma forte tendência, pois vejo mais e mais colegas adotando tal prática. Além de acompanhar o sucesso dos amigos, as postagens autorreferenciais contribuem para que eu me atualize sobre algum tema, ou relembre o que já sei. Se esse movimento funciona do ponto de vista de captação e fidelização de clientes, ignoro. Mas digo logo aos amigos: estou gostando e aplaudindo. Continuem!

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

### Adelino Moreira: o maior compositor do mundo

Adelino Moreira, poeta centenário dos amores suburbanos, Nelson Gonçalves foi seu maior amigo e principal intérprete. Nelson Gonçalves já era um nome consagrado quando conheceu Adelino Moreira, o compositor que faria dele o maior vendedor de discos do país.

Adelino Moreira de Castro foi um compositor luso-brasileiro. Entre suas obras destaca-se o grande sucesso “A volta do boêmio”, primeiramente, gravada por Nelson Gonçalves. Nasceu em Gondomar, Portugal, em 28 de março de 1918, faleceu em 9 de maio de 2002 no Rio de Janeiro. Criado desde os dois anos de idade no estado do Rio de Janeiro.

Foi o maior compositor do mundo, muitos podem achar que é exagero esta afirmativa, porém, não é. Não conheço nenhum compositor no mundo que tenha escrito para um só artista 372 canções. Adelino Moreira faz esta afirmativa num programa chamado mosaico de Adelino. Filho do comendador Serafim Sofia, proprietário de uma lucrativa ourivesaria, Adelino chegou a gravar, em seus tempos de cantor, entre 1944 e 1948, sete compactos pela gravadora Continental e outros dois pela Parlophone portuguesa. Aos 18 anos tornou-se cantor da Rádio Mundial, então dirigida por César de Alencar — mas o que Adelino mais desejava era se tornar compositor, até porque não possuía voz para competir com os grandes nomes da época.

Adelino Moreira queria ter canções nas paradas de sucesso, cantadas por gente famosa. Mais do que isso, confessaria, seu grande sonho era ter músicas gravadas pelo seu grande ídolo: Nelson Gonçalves. Adelino idolatrava Lupicínio Rodrigues e seus enredos sobre amores proibidos, triângulos amorosos, tragédias e traições.

O primeiro encontro de Adelino com Nelson ocorreu no ano de 1952, na Rádio Nacional, onde até então este desconhecido compositor apresentado ao grande cantor daquela época. Nelson Gonçalves a princípio rejeitou sequer ouvir as composições de Adelino Moreira. Como bom português Adelino não desistiu de seu objetivo que era ter as suas composições gravadas por Nelson Gonçalves. Naquela ocasião, Nelson estava casado com uma belíssima mulher e cantora Lourdinha Bittencourt que ele considerava a maior paixão da vida dele. Como homem apaixonado, fez qualquer coisa para agradar a sua amada.

A parceria entre Moreira e Metralha renderia, ao longo de décadas, mais de uma centena de sucessos — alguns deles estão entre os maiores êxitos da carreira de Nelson Gonçalves: “A volta do boêmio”, “A flor do meu bairro”, “Meu vício é você”, “Pecado ambulante”, “Silêncio da seresta”, “Doidivana”, “Éxtase”, “Escultura”, “Negue”, “Fica comigo esta noite”. Cauby Peixoto, por exemplo, chamou Adelino de “mestre”, e Silvio Caldas expressou seu lamento por não tê-lo conhecido antes de Nelson Gonçalves.

Mas antes que qualquer outro cantor tivesse a chance de se apossar da (ainda não descoberta) mina de ouro, representada pelo compositor português, o destino de Nelson Gonçalves e Adelino Moreira estava traçado. O encontro

entre os dois hoje faz parte do folclore da música brasileira. O cronista Ney Lopes intercedeu junto à esposa de Nelson, Lourdinha Bittencourt. Após ter ouvido Adelino cantando “Última seresta”, ela teria dito, prontamente: “Essa é do Nelson”, logo providenciando um encontro dele com o marido. Em um artigo da “Histórias Musicais” Adelino Moreira enfatiza que, a partir desde encontro, “deu-se uma confluência que renderia um trabalho mútuo que faria o deleite dos brasileiros”.

“Quando ouvi o resultado do trabalho (a gravação feita por Nelson), quinze dias depois, senti um frio na barriga”, Adelino Moreira relembrou em entrevista concedida ao jornal Zero Hora, em fevereiro de 1977. Ele contou: “A verdade é que no começo Nelson, apesar de ter gostado da canção — que na verdade, era uma espécie de “samba-choro” — ficou relutante com o seu potencial”. E, de fato, a música não tinha nenhum.

Adelino Moreira também relatou como aconteceu sua aproximação com Nelson (embora o cantor já soubesse dele por meio de Lourdinha): “Naquela tempo, chegar ao Nelson era difícil pra mim, né? Eu o conhecia de vista e era difícil se aproximar porque, igual a ele, nós temos um gênio estourado. Mas, num sábado, um amigo (Ney Lopes) provocou o encontro meu com ele na Rádio Nacional.

Adelino, que a vida toda teria de lidar com o gênio tão bruto quanto cômico de Nelson Gonçalves, lembrou que o cantor pediu que o esperasse no bar da rádio, até que terminasse seu programa. O Nelson encontrou Adelino e tascou sem rodeios: “Canta a música aí”. O lugar, o compositor lembrou, estava repleto de gente — a elite do Rio. “Mas aqui?”, questionou Adelino. Nelson não perdoou: “E onde você quer cantar? No Scala em Milão?”. Não teve outro jeito: Adelino, que era meio acanhado, teve de mandar brasa ali mesmo. “Eu cantei e ele gostou demais. Foi tomar um café, voltou e pediu para eu cantar de novo. Uns 15 dias depois ele gravou a música que eu havia cantado no bar da Rádio Nacional e lançou no programa do César de Alencar. Chamava-se a “Última seresta”.

“Última seresta”, pelo menos naquele primeiro instante, não deu em nada, seja no rádio ou em disco. Mas serviu para que Adelino e Nelson dessem início a uma amizade — uma amizade forrada de incontáveis (e incontestáveis) sucessos e consideráveis brigas — que atravessaria as décadas. “Comecei a gostar (do Nelson), do jeito espontâneo de dizer as coisas: eu também era assim”, admitiu o português.

A primeira música gravada por Nelson de autoria de Adelino foi a “Última seresta”. Esta canção não obteve o sucesso esperado. Somente em 1956, com a canção “A volta do boêmio”, é que Adelino e Nelson alcançam o sucesso nacional. O sucesso foi tão imenso que a gravadora RCA-VICTOR passou oito meses prensando esta obra em 78 rotações. Nelson Gonçalves passou um ano inteiro sem entrar em estúdio de gravações.

Adelino Moreira, em que pese ter produzido um conjunto de obras extraordinárias, sofreu por parte da crítica acusações infundadas, taxando-o de compositor brega, que suas composições eram de péssima qualidade e inclusive elas afirmavam que Nelson jamais deveria gravar as composições de Adelino.

Com efeito, Adelino nunca deu atenção a estas críticas e afirmava que a música que ele escrevia era aquela que os boêmios e os seresteiros do Brasil gostavam; eram, aparentemente, letras simples de melodia não sofisticada. Adelino dizia que o Brasil era um país de seresteiro; onde tivesse paixão, amor, desamor, que a seresta teria sempre pessoas. E acrescentava que para ser seresteiro não precisava ser um exímio violonista, pois o músico que tocasse até com duas cordas seria o suficiente para fazer uma seresta. Foi nesta senda que Adelino e Nelson se tornaram o maior compositor e cantor de gravações e vendagens de obras musicais.

Um dos sambas-canção mais bem construídos foi sem dúvidas “Escultura”, de 1957. A letra deste samba-canção é uma aula de cultura universal, pontos compositores no mundo desconheciam com tanta propriedade figuras, ou musas fictícias, ou não tão habilmente como se fosse um bisturi poético.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walthoulysses  
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

# Seu concorrente é um problema para seu negócio?

Muitas empresas imaginam que o concorrente na sua mesma área de trabalho é um adversário e que você precisa andar alinhado com as mesmas coisas e os mesmos produtos já que ele está tendo um resultado melhor do que o seu.

Na verdade, seu concorrente é seu melhor espelho e aliado ao seu negócio. Isso mesmo o que falei. Parece loucura, mas é a mais pura verdade neste ramo gastronômico.

Vejo e conheço muitas pessoas que não vão nem conhecer o estabelecimento do "concorrente". Mas você tem que conhecer, visitar, comprar, provar... e muitas outras coisas, para identificar onde você está errando e ele está acertando muito na sua frente.

Na verdade, o erro é seu, seja nos valores, no atendimento, sua rede social que não funciona para atrair, na sua matéria-prima de má qualidade, ou você muda muito de

fornecedores e isso reflete na sua venda.

É preciso refletir e conhecer o negócio de seu concorrente. Hoje estamos vivendo um novo momento, que não canso de bater nesta tecla e falar: os amadores e os não profissionais no negócio serão engolidos pelo reflexo da pandemia. Acabou a historinha de tentar ser mais ou menos na empresa. Os clientes estão cada dia mais exigentes, e as maiores falhas ainda são no delivery.

Parece até mentira, mas muitas empresas que já estão há anos no mercado e que passaram pela maior batalha da pandemia no começo estão perdendo seus clientes por conta de demora e má prestação de serviço do seu entregador. E eles esquecem também que o prestador de entrega leva o nome da empresa. Nunca irão existir desculpas para um cliente por um atraso de um pedido, principalmente, colocando a culpa no motoboy, talvez essa seja a maior deficiência para seu concorrente.

Um produto atrasar de cinco a dez mi-

nutos é entendido, mas conheço pessoas – eu também já passei por isso – que receberam seu pedido com um atraso de duas horas. Isso é para nunca mais o cliente querer saber dessa empresa e queimá-la no boca a boca, entre grupos de amigos de WhatsApp.

Se você está tendo problemas com seu concorrente mais próximo e não consegue fechar o mês sem ser no vermelho, te dou três dicas: a primeira é conhecer o produto de seu concorrente, depois você vai fazer o pedido no delivery de seu concorrente. Se com essas duas dicas que dei você achar que está no mesmo padrão de qualidade, preço, atendimento e entrega, então a terceira dica é contratar um consultor gastronômico, para descobrir onde você está errando de verdade e o motivo pelo qual não consegue atingir sua meta. Mas para isso você tem que estar preparado não só para ouvir os elogios, mas para receber as críticas e correções por esse profissional contratado.

Fica a dica!

## PRATO DO DIA

### Rabada Baraúna

#### Ingredientes

- 1 rabo de boi inteiro
- 1 linguiça calabresa grande
- 150 ml da tradicional Cachaça Baraúna
- 1 cenoura com casca em cubos
- 2 cebolas em cubos
- 4 tomates maduras
- Salsa
- 150g de carne de sua preferência para o caldo
- 5 dentes de alho
- 1 talo de alho-poró picado grosseiramente
- 2 pimentões cortados grosseiramente
- 4 folhas de louro
- Azeite de oliva
- Manteiga
- Ervas frescas ou desidratadas (alecrim, salsinha e coentro)
- Acompanhada de polenta mole com xerém de milho no caldo da rabada.

#### Modo de preparo

- Em uma vasilha, coloque o rabo de boi já cortado nas suas juntas e tempere com as ervas, sal, pimenta do reino, alho picado, azeite e 100ml de Cachaça Tradicional Baraúna. Cubra com papel filme e deixe na geladeira de um dia pro outro, ou por 12 horas no mínimo.
- Em uma panela de pressão, já no dia do cozimento, coloque a rabada com seu líquido e acrescente os tomates cortados em cruz e 500ml de água, e deixe cozinhar por 20 minutos dependendo do seu fogão.
- Em outra panela, você vai colocar a manteiga e o restante dos legumes e verduras, juntamente com a carne e três pedaços de linguiça calabresa que irá cortar em cubos médios. Deixe cozinhar até colar no fundo da panela e ficar um pouco preta. Em seguida, acrescente 200ml de água e comesse a soltar a parte colada do fundo da panela, coloque 50 ml da cachaça e desligue o fogo.
- Bata no liquidificador os ingredientes colocados nesta panela sem as carnes. Em seguida, coloque na panela de pressão e deixe cozinhar por mais 10 minutos.
- Em seguida, pegue o xerém de milho fino e faça a polenta com o caldo da rabada para que fique bem mole. E sirva bem quente!



Foto: Divulgação



## QUENTINHAS

- Quem está inaugurando semana que vem seu espaço de restaurante é a Fan Pizza, em Santa Rita. É uma pizza de excelente qualidade e agora está também, além do delivery na região, atendendo em restaurante no local. Sucesso, pessoal! Seu Instagram: @fan\_pizza\_dellivery.
- A Sonho Doce Doceria e Restaurante tem kits de aniversário a partir de R\$ 35. Além de ser delicioso, é muito simples e rápido fazer o pedido. É só baixar o aplicativo que em menos de 30 minutos o pedido estará na sua casa. Seu Instagram é @sonhodoce, ou contato pelo telefone 3222-4885.

## PITADAS A GOSTO



Antes da chegada de imigrantes italianos, já se consumia, no Brasil, uma forma de polenta de milho, denominada angü, que pode ter a consistência de uma polenta firme ou cremosa, mas que nunca era grelhado ou frito. Existe, na Ilha da Madeira, um prato típico muito parecido, as papas de milho, que é consumido logo depois de cozido, a acompanhar peixe, ou então frito, a acompanhar a espetada madeirense de carne de vaca.

A polenta tem origem na região norte da Itália. Constituía a base alimentar (o prato mais consumido) da população e dos legionários romanos. Era feita, principalmente, de farinha de aveia, mas podiam ser utilizadas farinhas de outros cereais como o trigo.

Pouco depois da chegada dos espanhóis ao Caribe, em 1492, o milho foi introduzido na Europa. Na Itália, o milho passou a ser cultivado primariamente no norte, onde as chuvas são abundantes. A partir de então é que a polenta passou a ser feita de farinha de milho.